DIRIGENTES DA E.D.

Objetivando alcançar bom aproveitamento da literatura especializada que publicamos para as Escolas Dominicais, pedimos a atenção dos Pastores de Igreja e dirigentes e professores da Escola Dominical para o que se segue:

O Planejamento dos estudos bíblicos, para todas as idades, segundo a Série **Periódicos de Educação Religiosa,** é feito de modo a assistir o aluno e o professor. Nenhum aluno aproveitará bem o estudo, se não tiver a sua revista nas mãos; e nenhum professor poderá dar a melhor aula usando apenas a revista do aluno. Para que o grande esforço que realizamos em favor das igrejas seja devidamente aproveitado, é indispensável que cada Escola Dominical assine um exemplar da Revista do Professor para cada professor, e uma revista para cada aluno.

As Escolas Dominicais, devidamente registradas na Secretaria dos **Periódicos de Educação Religiosa** (Av. Erasmo Braga, 277 — s/512 — Caixa postal 260 — ZC00 — 20.000 — Rio de Janeiro — GB) são favorecidas com preços especiais, mais de 30% abaixo dos preços normais das assinaturas.

A Revista do Professor I se destina aos professores do Curso Primário — Nível I e Nível II, do Curso Intermediário e do Curso Secundário — Nível I e Nível II.

A Revista do Professor II se destina aos professores da mocidade e de adultos, trazendo amplo material, como roteiros das aulas, comentários bíblicos e Pensamentos e ilustrações.

Além dessas sugestões Pedagógicas para os professores de cada classe, publicamos na Revista do Professor I e II Estudos Pedagógicos de atualidade e, freqüentemente, material suplementar para Superintendentes e Diretores de Dapartamentos da Escola Dominical.

REVISTA DO CURSO POPULAR

3.º TRIMESTRE DE 1973

REVISTA DO CURSO POPULAR
DA ESCOLA DOMINICAL
(Adultos)

3.º trimestre de 1973 — Ano 39 — N.º 3

Programa do Conselho Evangélico de Educação Religiosa

Colaborador: Ademário Iris da Silva

Pensamentos e Ilustrações — Moysés Marinho de Oliveira

Periódicos de Educação Religiosa
Diretor — Rodolfo Anders
Redator — Reinaldo Corrêa da Silva

Venda avulsa .... Cr$ 2,50 o exemplar
Assinatura individual (4 trimestres) .... Cr$ 10,00
Para as Escolas Dominicais, em maior quantidade, pedidos diretamente aos PERIÓDICOS .... Cr$ 1,60 o exemplar

Pedidos e pagamentos, no Rio de Janeiro a
PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA
Av. Erasmo Braga, 277 — s/512
Caixa Postal 260 — ZC-00
20.000 — Rio de Janeiro — GB

CAPA: Templo da 2.ª Igreja Presbiteriana de Ponta Grossa, Paraná — Rua Frei Veloso, 28
Data de organização — 24/05/1943
Data de inauguração — 20/11/1971
Matrícula na Escola Dominical — 134

CURSO POPULAR

3.º trimestre de 1973

Tema do Trimestre: A MATURIDADE NA IGREJA

Lição 1 — 1.º de julho

ENTRE O CÉU E A TERRA

Texto básico: Mat. 18.18-20.

Texto Central: "Em verdade vos digo que tudo que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo que desligardes na terra, terá sido desligado no céu" — Mat. 18.18.

Leitura Diária

Jun. 25 — Seg. — A confissão de Pedro — Mat. 16.13-20
" 26 — Ter. — A impurezà de uma Igreja — I Cor. 5.1-5
" 27 — Quar. — O penitente deve ser readmitido — II Cor. 2.5-11
" 28 — Quin. — O acesso à presença de Deus — Heb. 10.19-25
" 29 — Sex. — A vida exemplar cristã — I Ped. 3.1-22
" 30 — Sáb. — A liberação e os direitos — I Cor. 9.1-27
Jul. 1 — Dom. — A luz que a Igreja prega — João 8.12-20

Leitura devocional: Deut. 19.14-21.

INTRODUÇÃO — No trimestre anterior estudamos a maturidade cristã no lar e na família. Neste trimestre estudaremos a maturidade na Igreja. Cremos na necessidade de se alcançar essa maturidade, não só pelos benefícios que serão recebidos, em grande medida, pelos membros da Igreja individualmente, como pela possibilidade de resultados positivos na obra de expansão da Igreja — a evangelização. Além disso, uma Igreja que alcançou a maturidade, será respeitada e seu testemunho bem mais eficiente. Olhando de outro ângulo do problema, verifica-se que ressentimentos, dissidên-

cias, cisões, são, muitas vezes, conseqüências da falta de maturidade. Cremos que muitas divisões na Igreja, não só as que resultam em novas denominações, mas as que existem, de fato, em comunidades locais, têm sua origem na falta de maturidade de seus membros. E decerto concordamos todos em que, mesmo quando não resulte em ruptura, em quebra da organização, a falta de maturidade prejudica, e sensivelmente, o bem-estar de cada membro da Igreja e impede que a Igreja alcance os ideais propostos pelo Novo Testamento.

Focalizando o tema da lição de hoje, parece-nos necessário explicar que ele não pode ser entendido como se a Igreja fosse medianeira entre o homem e Deus, nem como se o relacionar-se com Deus, em termos de redenção, dependesse de sua ação mediadora. O tema se justifica pela realidade bíblica de que entre a experiência da aceitação de Cristo, pela fé, e aquele encontro do homem com seu Redentor, após a morte, há um período em que, embora como "peregrinos e forasteiros", estamos aqui, pés na terra, e necessitamos de uma palavra profética, de algo que faça tangível, visível, a nossa comunhão com o Senhor.

EXPOSIÇÃO — É bom estabelecer que estamos diante de um dos textos difíceis do Novo Testamento. É a segunda vez que Jesus Cristo fala em Igreja. Desta vez Ele não só afirma a existência da Igreja, como dá idéia de funções que a Igreja tem de exercer na terra. Entre essas funções não está, certamente, o poder de remir ou perdoar pecados, nem, ainda, determinar o destino do homem no tempo ou na eternidade. Uma idéia interessante é a de que a Igreja é um elo de ligação, num presente extenso, entre os nossos irmãos do passado, a Igreja de agora, e a do futuro, na própria eternidade. É por causa da Igreja que nós podemos fazer esta invocação: "Deus de Abrão, Deus de Isaque e Deus de Jacó", sentindo-nos ligados ao povo de Deus através dos tempos. Vejamos os versículos do nosso texto numa análise rápida.

ANÁLISE DO TEXTO BÁSICO

V. 18 — Qual o verdadeiro sentido de "ligar" e "desligar" nestas palavras de Jesus? Primeiro que tudo é aconselhável observar que, na palavra de Jesus, quando os discípulos "ligam" ou "desligam", aquilo que é ligado ou desligado por eles, **já o foi no céu.** Note-se a expressão — "terá sido ligado". Noutras palavras, a Igreja só tem o direito de ligar ou desligar aquilo que Deus já ligou ou desligou. Tanta repetição aqui, nos parece necessária e importante à compreensão do que a Bíblia está dizendo. O que isto quer realmente dizer é que **a iniciativa é sempre de Deus.** A Igreja é serva e como tal terá de seguir o exemplo de Cristo, que como servo diz: "Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai" (João 5.19). E aquelas outras palavras da humildade de Cristo: "Eu nada posso fazer de mim mesmo... Não procuro a minha própria vontade e, sim, a daquele que me enviou" (João 5.30). Deus é quem dita a mensagem; Deus é quem faz as obras. Somos, apenas, "ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (I Cor. 4.1), o que, não obstante, representa grande responsabilidade. Melhor ainda diz o apóstolo Pedro: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (I Ped. 4.10). Parece-nos, mais, que, no ensino de Cristo, neste passo do Evangelho, está presente a idéia e a exigência da missão profética-sacerdotal da Igreja. De um lado, Paulo dá ênfase ao dom de profetizar: "Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar" (I Cor. 14.39). De outro, Pedro ressalta a função sacerdotal de todo cristão na apresentação de "sacrifícios espirituais". Resumindo, a Igreja não pode pretender aquilo que é prerrogativa exclusiva de Deus, porque é Deus quem aceita os homens, quem os perdoa e os redime. É o Espírito Santo quem congrega os redimidos na Igreja. Contudo, na qualidade de serva, a Igreja não pode furtar-se à missão de proclamar a mensagem de Deus, alimentar os crentes, edificá-los e orientá-los no testemunho.

V. 19 — Jesus ensina a importância da comunhão. Amplas possibilidades são abertas pelo Mestre aqui. Ele, simplesmente, diz que os crentes podem obter "qualquer coisa que porventura pedirem", sob a condição de "concordarem". Concordar, ou estar de acordo, no ensino de Jesus, não é apenas trocar idéias, superficialmente, chegar a uma conclusão qualquer e apresentá-la a Deus. É algo mais profundo do que isso. Não se pode isolar este ensino do seu contexto, isto é, aquilo que está antes dele e do que vem depois. É claro que Jesus não está falando de nada fortuito, nada que aconteça por mero acaso. É na Igreja de Jesus Cristo que as pessoas de fé se encontram, e se põem de acordo. Encontram-se e vão ao encontro de Deus. E são encontradas por Deus. E o Pai lhes concede o que pedirem. Vamos recordar Tiago: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros **da**

Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Tiago 5.13-14).

V. 20 — É evidente que Deus está conosco não só quando estamos reunidos em grupos de dois ou três, ou mais pessoas. Lembremos, novamente, a conveniência de relacionar o versículo com o seu contexto. Afinal, Cristo vinha falando da Igreja e há uma seqüência, uma continuidade lógica, no seu ensino. Isto não significa que é só na Igreja que Deus está presente. Mas significa, fora de qualquer dúvida, que Deus está presente na Igreja, e proclama, Ele mesmo, esta verdade. É a Igreja que nos eleva, enquanto vivemos aqui, da esfera secular para a espiritual, do plano terreno para o celestial e em sentido sublime traz o celestial e o eterno para o plano terreno e temporal. É assim que, no Pentecoste, "estavam todos reunidos no mesmo lugar" quando o Espírito Santo desceu sobre eles e "todos ficaram cheios do Espírito Santo" (Atos 2.1-4). Quando Deus quis chamar homens para uma grande obra missionária, foi mediante a Igreja que Ele os vocacionou: "E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho enviado" (Atos 13.1-3). **Há, evidentemente, ligações entre o céu e a terra, que se processam através da Igreja de Jesus Cristo.**

APLICAÇÃO — De tudo que foi exposto vamos chegar às seguintes conclusões:

I — **A Igreja é depositária da revelação de Deus.** O próprio Cristo afirmou que a revelação não estava concluída com sua presença no mundo. Havia o que ser revelado ainda e isto se faria através da Igreja: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade" (João 16.12-13).

II — **Em sua missão profética a Igreja prega a salvação,** condena o pecado e aponta o juízo divino. A autoridade com que a Igreja faz isso não é inerente a ela, isto é, não lhe é própria. Nesse sentido é que se aplica o v. 18: "tudo o que ligardes... terá sido ligado".

III — **Podem-se fazer reparos à Igreja como organização,** constituída de homens, sem esquecer, entretanto, que, a despeito de suas falhas, **ela é a comunidade onde os salvos se encontram,** e, podem "concordar" naquilo que vão pedir ao Pai. **É a comunidade onde o Espírito Santo se manifesta** e através da qual vocaciona os homens para a sua obra. **É a comunidade onde os regenerados podem mutuamente ajudar-se** na busca do "aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (Efés. 4.12).

VOCABULÁRIO

Ruptura — rompimento; **medianeira** — mediadora; **tangível** — que pode ser tocado; **fortuito** — passageiro.

O MUNDO E A IGREJA — O mundo tem entrado na igreja como uma enchente. Observamos com freqüência que, no curso das reuniões, os hinos e os cânticos espirituais são cantados por um coro composto de pessoas não convertidas. Em muitas igrejas têm sido introduzidas diversões menos dignas, as quais embora sejam realizadas em benefício da igreja, ou de suas dependências, não se compadecem com a vivência cristã e entristecem o Espírito de Deus. Muitos procuram justificar essas práticas diabólicas, declarando que se as igrejas agirem de modo contrário, perderão muitos membros. Eu sei. Mas, quanto antes esses falsos crentes forem embora, tanto melhor. — D. L. Moody.

— Notemos: Assim já era nos dias de Dwight Lyman Moody, famoso pregador norte-americano, que nasceu em 1837 e foi promovido à glória em 1899.

SUA OPINIÃO

Estamos encerrando (26-03-73) a colheita de SUA OPINIÃO, que estamos recebendo de grande número de alunos e professores. Cada opinião será cuidadosamente estudada e aplicada sempre que possível. Já aparece nesta Revista algum resultado de SUA OPINIÃO — toda ela em tipo maior, o que vem sendo reclamado por muitas pessoas. Voltaremos ao assunto.

Lição 2 — 8 de julho

SEGUIDORES CONSCIENTES

Texto básico: Mat. 8.18-22.

Texto central: "Replicou-lhe, porém, Jesus: segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos" — Mat. 8.22.

Leitura Diária

Jul. 2 — Seg. — Crentes mornos — Apoc. 3.14-22
" 3 — Ter. — O servo sofredor — Isaías 53.1-10
" 4 — Quar. — Seguir e servir — João 12.20-26
" 5 — Quin. — A entrega da vida — Atos 7.54-60
" 6 — Sex. — O preço do discipulado — II Cor. 11.21-28
" 7 — Sáb. — Sacrifício vivo — Atos 12.1-5
" 8 — Dom. — Seguidores coerentes — Mat. 19.27-30

Leitura devocional: Dan. 7.1-14.

INTRODUÇÃO — Há muita gente desejosa de seguir a Cristo e que, entretanto, nem sabe o que significa isso. Há outros que se dizem seguidores de Jesus Cristo e estão enganados. É esta uma situação extremamente delicada e perigosa, a de quem está na Igreja, pensa que é cristão, mas está redondamente enganado. Se o aluno acha que é impossível acontecer isso, considere um exemplo do Novo Testamento: os cristãos de Laodicéia. O texto é o de Apoc. 3.14-22, com destaque para o versículo 17: "pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu". São palavras de Jesus Cristo mesmo. São dirigidas a uma Igreja de cristãos equivocados (pseudo-cristãos ou falsos cristãos). Quem não conhece pessoas que se julgam seguidoras de Cristo só porque amam e proclamam as profundas e eternas verdades do sermão da montanha? E possível ser cristão só com o sermão da montanha? Haverá impunidade para quem assim mutila a Palavra de Deus? Onde é, mesmo, que o pecador se encontra e se identifica com Cristo? Não seria na cruz? Mas que significa, realmente, o desafio de Jesus:

"Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Marc. 8.34). O Novo Testamento nos mostra que Jesus Cristo não quer que alguém o siga enganado. O Mestre exige firmeza de decisão e firmeza de convicção. Ser cristão não é apenas possuir uma fé, é assumir compromissos com Deus que decorrem da compreensão das responsabilidades que lhe cabe como discípulo de Cristo, é colocar-se nas mãos do Senhor para servir ao nosso próximo com dedicação e esperança. É o que vamos estudar.

EXPOSIÇÃO — À primeira vista este trecho está fora de lugar, neste capítulo. É fácil verificar que o capítulo inteiro versa sobre milagres e pode parecer que tais versículos (18-22) não deveriam estar num capítulo que dá tanta importância aos eventos miraculosos. Por que, então, Mateus, colocou esta passagem exatamente ali? Tem sido sugerido que Mateus estava apresentando Jesus como o "Servo Sofredor". Com efeito, no contexto imediatamente anterior, isto é, no v. 17 ele apresenta a profecia de Isaías: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si" (Is. 53.4). E no contexto imediatamente posterior, isto é, nos vs. 23 e 24, uma tempestade assalta o barco em que Jesus viajava com os seus discípulos. A nós parece, entretanto, que Mateus vê no discipulado cristão, no ato de alguém seguir a Cristo, como que um verdadeiro milagre. O milagre do impacto da personalidade de Jesus Cristo sobre os homens, milagre este que produz os mais extraordinários e maravilhosos efeitos. Mas vejamos mais pormenorizadamente o nosso texto. São duas seções: a primeira com os vs. 18-20 e a segunda com os vs. 21-22.

ANALISE DO TEXTO BÁSICO

Vs. 18-20 - Nesta prmeira seção Jesus está atento ao fato de que alguém poderá segui-lo esperando glórias neste mundo. Pode acontecer, também, que alguém o siga sem compreender o lado sacrifcial do discipulado cristão. Há momentos em que Jesus chega a dizer que segui-lo é perder a vida (João 12.25). Isto quer dizer que quem quiser seguir a Cristo tem de subjugar o seu **ego** e renunciar muitos privilégios comuns às demais pessoas. Para Estêvão isto significou morrer apedrejado (At. 7.59-60); para o apóstolo Paulo, representou uma longa série de sofrimentos que ele próprio enumera: "em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma

Lição 2 — 8 de julho

SEGUIDORES CONSCIENTES

Texto básico: Mat. 8.18-22.

Texto central: "Replicou-lhe, porém, Jesus: segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos" — Mat. 8.22.

Leitura Diária

Jul. 2 — Seg. — Crentes mornos — Apoc. 3.14-22
" 3 — Ter. — O servo sofredor — Isaías 53.1-10
" 4 — Quar. — Seguir e servir — João 12.20-26
" 5 — Quin. — A entrega da vida — Atos 7.54-60
" 6 — Sex. — O preço do discipulado — II Cor. 11.21-28
" 7 — Sáb. — Sacrifício vivo — Atos 12.1-5
" 8 — Dom. — Seguidores coerentes — Mat. 19.27-30

Leitura devocional: Dan. 7.1-14.

INTRODUÇÃO — Há muita gente desejosa de seguir a Cristo e que, entretanto, nem sabe o que significa isso. Há outros que se dizem seguidores de Jesus Cristo e estão enganados. É esta uma situação extremamente delicada e perigosa, a de quem está na Igreja, pensa que é cristão, mas está redondamente enganado. Se o aluno acha que é impossível acontecer isso, considere um exemplo do Novo Testamento: os cristãos de Laodicéia. O texto é o de Apoc. 3.14-22, com destaque para o versículo 17: "pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu". São palavras de Jesus Cristo mesmo. São dirigidas a uma Igreja de cristãos equivocados (pseudo-cristãos ou falsos cristãos). Quem não conhece pessoas que se julgam seguidoras de Cristo só porque amam e proclamam as profundas e eternas verdades do sermão da montanha? E possível ser cristão só com o sermão da montanha? Haverá impunidade para quem assim mutila a Palavra de Deus? Onde é, mesmo, que o pecador se encontra e se identifica com Cristo? Não seria na cruz? Mas que significa, realmente, o desafio de Jesus:

"Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Marc. 8.34). O Novo Testamento nos mostra que Jesus Cristo não quer que alguém o siga enganado. O Mestre exige firmeza de decisão e firmeza de convicção. Ser cristão não é apenas possuir uma fé, é assumir compromissos com Deus que decorrem da compreensão das responsabilidades que lhe cabe como discípulo de Cristo, é colocar-se nas mãos do Senhor para servir ao nosso próximo com dedicação e esperança. É o que vamos estudar.

EXPOSIÇÃO — À primeira vista este trecho está fora de lugar, neste capítulo. É fácil verificar que o capítulo inteiro versa sobre milagres e pode parecer que tais versículos (18-22) não deveriam estar num capítulo que dá tanta importância aos eventos miraculosos. Por que, então, Mateus, colocou esta passagem exatamente ali? Tem sido sugerido que Mateus estava apresentando Jesus como o "Servo Sofredor". Com efeito, no contexto imediatamente anterior, isto é, no v. 17 ele apresenta a profecia de Isaías: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si" (Is. 53.4). E no contexto imediatamente posterior, isto é, nos vs. 23 e 24, uma tempestade assalta o barco em que Jesus viajava com os seus discípulos. A nós parece, entretanto, que Mateus vê no discipulado cristão, no ato de alguém seguir a Cristo, como que um verdadeiro milagre. O milagre do impacto da personalidade de Jesus Cristo sobre os homens, milagre este que produz os mais extraordinários e maravilhosos efeitos. Mas vejamos mais pormenorizadamente o nosso texto. São duas seções: a primeira com os vs. 18-20 e a segunda com os vs. 21-22.

ANALISE DO TEXTO BÁSICO

Vs. 18-20 - Nesta prmeira seção Jesus está atento ao fato de que alguém poderá segui-lo esperando glórias neste mundo. Pode acontecer, também, que alguém o siga sem compreender o lado sacrifcial do discipulado cristão. Há momentos em que Jesus chega a dizer que segui-lo é perder a vida (João 12.25). Isto quer dizer que quem quiser seguir a Cristo tem de subjugar o seu **ego** e renunciar muitos privilégios comuns às demais pessoas. Para Estêvão isto significou morrer apedrejado (At. 7.59-60); para o apóstolo Paulo, representou uma longa série de sofrimentos que ele próprio enumera: "em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma

quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado, em naufrágio três vezes, uma noite e um dia passei na voragem do mar, em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigo entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez" (II cor. 11.23-27); para João significou terminar os seus dias exilado e preso na ilha de Patmos (Apoc. 1.9); para Tiago, terminar degolado no cárcere (At. 12.2). Enfim, seguir a Cristo significa ter a disposição de viver numa tal disposição de espírito que nos disponha a aceitar o desconforto, a fome, a perseguição, a humilhação, as provações de qualquer espécie. Muito provavelmente era isso o que Jesus quis dizer quando afirmou: "se alguém quiser vir após mim tome a sua cruz".

Vs. 21-22 — Os compromissos com a família e com a sociedade podem impedir uma verdadeira experiência do homem com o Redentor. Foi assim que Jesus disse a Pedro: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe (ou mulher), ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna" (Mat. 19.29). Quando Jesus diz: "segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos", Ele parece apontar para o fato que a sociedade em que vivemos está morta em pecados e que manter-nos separados dela é não só possível mas necessário. Há necessidade de frisar aqui que, às vezes, não é possível conciliar os interesses do Reino, com as exigências do mundo. Não é admissível a manutenção de um comportamento duplo. Comprometidos com Cristo, isto deve ser claro aos olhos de todos como uma definição. A vida cristã não pode ter compartimentos, não pode ser dividida em setores de espaço, nem de tempo. Ao dizer: "A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (Col. 3.24), Paulo assinala que este fato deve sobrepor-se a todos os demais. Para Jesus Cristo não é possível servir a Deus e o mundo, a Deus e as riquezas. Não é possível manter um compromisso com o Senhor e, ao mesmo tempo, manter compromissos com a sociedade, quando esta se mostra "corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo". Não é possível misturar morte com vida. Só um espírito mórbido, enfermo, pode achar prazer em conviver com cadáveres. O espírito sadio só se satisfaz na convivência dos vivos. Colocada a questão em seus termos finais, poderíamos afirmar que o cristão se distingue do homem natural como os vivos são distintos dos mortos. Contudo, o verdadeiro seguidor de Cristo não se limita a ter consciência clara sobre essa distinção entre vida e morte. Ele está pronto a colocar sua própria vida a serviço do seu Mestre e Salvador, arrostando com todas as conseqüências dessa decisão.

O que, acima de tudo, se destaca do ensino de Jesus em nosso texto, é que o Mestre queria que os seus seguidores tivessem conhecimento pleno dessas exigências. Que aqueles que o seguissem, o fizessem esclarecidamente. Ter consciência dos deveres e responsabilidades, dos riscos e perigos, e, apesar disso aceitar a carreira cristã são atitudes próprias daqueles que se fizeram Seguidores Conscientes de Jesus Cristo.

APLICAÇÃO —

I — Está você, querido leitor, consciente do que se espera daqueles que se converteram a Cristo? **Que significa, para você, "tomar a cruz de Cristo"?** Não estaria você lutando por um Cristianismo sem cruz? É preciso não esquecer que cada cristão precisa não só ter uma fé professada, mas uma fé vivida.

II — É necessário entender que **o verdadeiro seguidor de Cristo tem de estar disposto a sacrificar o que quer que seja por amor ao Mestre.** Negar-se a si mesmo não é só uma frase de efeito, pronunciada por Jesus Cristo. É uma exigência muito grave, que deve levar a sério as indagações: Você tem negado alguma coisa a si mesmo? Tem subjugado os desejos da carne? Tem renunciado ao egoísmo? Tem tido consciência de que viver assim é que significa seguir a Cristo?

III — Você já pensou no fato que, se **a Igreja evangeliza pouco,** é porque os seus membros não estão bem conscientes de seus deveres para com Deus? Não é este um fato grave na experiência da Igreja de hoje?

IV — Todo cristão deve saber que **a vida cristã se norteia pela Bíblia,** pois é ela a Palavra de Deus! E no entanto, a falta de cultura bíblica e, ainda mais do que isso, a indiferença diante desse fato, são um dos traços do nosso tempo.

Seja você, querido leitor, um dos primeiros a reacender o fogo da consciência cristã, a se despertar para a necessidade de uma vida cristã plenamente esclarecida.

TESTEMUNHO ANÔNIMO — Faz muitos anos, três mulheres conversavam à entrada duma residência de certa rua de Bedford, Inglaterra. Falavam a respeito de Deus e de como Ele as havia salvo, por meio de Jesus Cristo. Tão entretidas estavam na conversação, que não notaram que um homem se aproximava mais e mais, até poder ouvir o que falavam. O desconhecido jamais esqueceu o que havia escutado. Abandonou a companhia de pessoas ímpias e pôs-se a procurar o tesouro espiritual que aquelas senhoras simples possuíam. Esse homem era Bunyan, que, mais tarde, viria a escrever o conhecido livro "O Peregrino", que alcançou larga circulação, influenciando muitas vidas. Aquelas humildes senhoras, através de um "testemunho anônimo", fizeram a sua luz brilhar perante o mundo. — "El Pastor Evangélico" (Adapt.) —

Lição 3 — 15 de julho

COM O ESPÍRITO E A MENTE

Texto básico: I Cor. 14.12-19.

Texto central: "Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente" — I Cor. 14.15.

Leitura Diária

Jul.	9 — Seg.	— Expectação do juízo	— Heb. 10.26-29
"	10 — Ter.	— Dons dos homens	— Efés. 4.7-12
"	11 — Quar.	— A edificação da Igreja	— I Cor. 14.14-25
"	12 — Quin.	— Zelo pelas palavras	— Ecl. 5.1-7
"	13 — Sex.	— Sacrifício vivo	— Rom. 12.1-2
"	14 — Sáb.	— Preparação espiritual	— Amós 4.11-13
"	15 — Dom.	— O forte refúgio	— Salmo 11

Leitura devocional: Sal. 47.

INTRODUÇÃO — Todo o ensino deste trecho da carta de S. Paulo apela para que o culto que prestamos a Deus seja um culto inteligente. O culto inteligente há de ser um culto completo. Cremos ser necessário acrescentar, posto que Paulo não focaliza isso no

texto da nossa lição, que, ao participar do culto, o fiel deve estar preparado, devidamente, para o seu encontro com Deus. Verifiquemos a exortação do profeta Amós: "E porque isso te farei, prepara-te, ó Israel para te encontrares com o teu Deus" (Amós 4.12). A preparação compreende o conhecimento não só dos elementos que devem estar presentes no culto, como, também, o conhecimento do Ser a quem vamos cultuar. Acresce-se, ainda, a necessidade da compreensão das nossas obrigações para com Deus. Não é só o momento do culto que importa. Importa o que somos antes e o que seremos depois. O culto inteligente é aquele em que sabemos o que vamos buscar e do qual saímos sabendo como iremos aplicar o que recebemos. Culto inteligente não é barulho, confusão inconseqüente, nem teatro. Num culto inteligente, não há o que aplaudir ou elogiar. Pode ser que nem sempre saiamos confortados e sorridentes. É possível algumas vezes sairmos desconcertados, angustiados e tristes. A mensagem profética do culto pode ser de acusação às nossas faltas, pode ser denúncias das nossas omissões, pode deixar uma impressão "de juízo e fogo vingador" (Heb. 10.27). E a referência aqui não é ao sermão proferido no culto mas ao culto todo. Pode haver alguma coisa que Deus nos queira dizer não pelo sermão apenas, mas através do culto todo. A pregação não é o mais importante do culto. O mais importante é que você preste culto integral e tenha consciência disso porque o fez inteligentemente.

EXPOSIÇÃO — Cabe aqui uma rápida apreciação sobre Corinto, sua situação ao tempo em que o apóstolo escreveu as epístolas e as circunstâncias em que se situava a Igreja ali. Corinto era uma cidade rica e importante naquele tempo. Todo o tráfico do Norte ao Sul da Grécia passava por Corinto. Todo o tráfico de Atenas e do Norte da Grécia para Esparta e o Peloponeso tinha que ser através do istmo de Corinto, o que fazia da cidade um dos maiores mercados e um dos maiores centros comerciais do mundo antigo. Mas, se havia o que se podia chamar de grandeza de Corinto, havia, também, a iniqüidade de Corinto. Ao lado da prosperidade comercial, havia a proliferação da imoralidade, do pecado. O nome Corinto chegou a ser sinônimo de deboche. Acima do istmo erguia-se o monte da Acrópole e sobre ele fora construído o grande templo de Afrodite, a deusa do amor. Àquele templo estavam vinculadas as mil sacerdotizas que eram as prostitutas sagradas. Já se vê que, em tal ambiente, moralidade e religião eram coisas extremamente difíceis de conciliar. Era

preciso não confundir o Cristianismo com as demais religiões. Era indispensável afastar toda idéia de sensualismo ligado ao culto. Mas não é só. O culto também não pode ser emocionalismo puro, embora não se possa excluir da religião o elemento emocional. A Igreja de Corinto precisava daquela orientação do apóstolo. E nós somos hoje beneficiados porque a Palavra do Espírito Santo é atualíssima e a sua mensagem abrange a universalidade da Igreja, em todos os tempos.

ANÁLISE DO TEXTO BÁSICO

Vs. 12-13 — Dons espirituais e progresso para a edificação da Igreja — Aos Efésios Paulo diz que Jesus Cristo deu dons aos homens (Efés. 4.8). É dever de todos "procurar com zelo os dons espirituais", os quais só serão recebidos com o empenho dos cristãos, segundo ensino do Novo Testamento (I Cor. 14.1). Os dons devem ser usados sempre para a edificação da Igreja, nunca para mera satisfação pessoal.

Vs. 14 — Oração do espírito em mente infrutífera — O apóstolo está falando de "orar em outra língua", a qual nem a própria pessoa que ora entende, nem as demais. Admitindo-se que se observe profunda alegria na pessoa que ora "em outra língua", não obstante, diz o texto que o conteúdo da oração é inexplicável para ela mesma e para os outros. Logo, o apóstolo esclarece que não é essa experiência de alegria, ainda que legítima, o objetivo da oração e do culto. Não adianta muito sentir uma instantânea e fugaz experiência de gozo e não ser edificado.

V. 15 — Equilíbrio espiritomente no culto prestado a Deus - Há quem julgue que um culto profundamente espiritual e exclusivamente espiritual é o que agrada a Deus. Essa idéia leva até ao absurdo de supor que o culto é da responsabilidade do Espírito Santo. Há pregadores que interpretam mal as palavras de Jesus: "o que vos for dado naquela hora, isso falai; porque não sois vós que falais, mas o Espírito Santo" (Marc. 13.11). Não está certo atribuir ao Espírito Santo aquilo que nos pertence. O apóstolo não exclui o elemento humano na oração e no próprio cântico, componentes do culto. Ninguém, de fato, pode fazer esta exclusão, uma vez que somos até responsáveis pelas palavras proferidas diante do Senhor. Lembremos Salomão: "Não consintas que a tua boca te faça culpado, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência; por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?" (Ecles. 5.6). É claro que nem se pode lançar sobre o Espírito o que é responsabilidade nossa, nem deixar ao sabor das emoções do momento as palavras que vamos dizer ao Senhor.

Vs. 16-19 — A integração da Igreja toda no culto — É singular a aridez que se observa em certas Igrejas no momento do culto. É um silêncio de túmulo. Enquanto em alguns setores evangélicos há talvez um excesso de participação, em muitos outros cai-se no extremo oposto da indiferença. É como se todos fossem meros expectadores apáticos, que não vibram e nada sentem, com o que se está passando no santuário. Nessas ocasiões não se está, realmente, prestando culto. O que há é um grupo de oficiantes que pregam, cantam em coro belos hinos, levantam ofertas, ministram os sacramentos, num esforço grande e concentrado para vencer a barreira que os separam dos demais que parecem constituir uma platéia que ali está para simplesmente assistir a uma espécie de drama religioso. Não se pode concordar com os excessos que por vezes quebram a solenidade do culto e chegam até a gerar a anarquia, mas entre a manifestação ruidosa e a total indiferença, entendemos que a primeira causa muito menos malefícios que esta última. É preciso que tudo seja claro, compreensível e bem feito, no culto, para que os participantes possam dizer o "amém". E não é só. É necessário que os presentes sejam beneficiados. "Instruir outros", é a preocupação do apóstolo (v.19). Não basta que todos participem emocionalmente e sintam um ambiente de profunda espiritualidade. É indispensável que todos possam também entender o que se passa, sob pena de não se alcançar a edificação de ninguém.

APLICAÇÃO — Destaquemos os pontos essenciais de todo esse ensino:

I — Um culto inteligente deve ser um culto completo, isto é, um culto ao qual não falta qualquer destes elementos essenciais: invocação a Deus, pela oração, leitura das Escrituras e cânticos; louvor, pela leitura de Salmos ou outros trechos das Escrituras e cânticos; oração, incluindo ações de graça, confissão, intercessão; atos pastorais, quando houver um pastor presente, podendo incluir recepção de novos membros por batismo, profissão de fé, transferência ou outro motivo; ministração dos sacramentos; pregação; ofertório. Há Igrejas que se abstêm de levantar ofertas no culto público. Contudo, achamos que em todo culto deve haver alguma forma de oferta.

Quando mais não seja, reofertemos o nosso ser ao Senhor, no espírito daquela exortação de Paulo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rom. 12.1).

II — Há necessidade de que o fiel participe com verdadeiro espírito de culto e se disponha a aceitar o que lhe for ministrado como o que seu ser interior necessita. Quanto ao sermão por exemplo, que reação produziu a palavra do ministro? Sua atitude é a do doente que vai ao médico e aplica a receita em benefício da sua saúde? Ou é a atitude absurda do doente que ouve o médico e depois, além de não aplicar o remédio, ainda o censura? Examinemos a forma como temos cultuado o nosso Deus e procuremos prestar-lhe culto com espírito e mente.

VOCABULÁRIO

cultuar — prestar culto; **tráfico** — movimento de veículos, comércio; **sensualismo** — desejo carnal; **fugaz** — passageiro; **aridez** — sequidão; **apático** — indiferente, sem vida; **reofertar** — tornar a ofertar.

— O culto deve ser uma preparação para nossa vida na eternidade. Deve ser um prenúncio daquele culto que havemos de prestar ao nosso Deus junto com os anjos, arcanjos, querubins e todos os remidos, na glória celestial. — "Serviço Cristão" —

A MENTE RETA — A tarefa do homem consiste continuamente em preparar a sua mente, libertando a vontade de todos os desejos que lhe são "alheios", a razão das preocupações; a memória dos cuidados inúteis e, até mesmo, por vezes, dos necessários. Contudo, uma vontade negligente significa pensamentos ignóbeis; uma vontade corrompida indica pensamentos perversos... enquanto que uma vontade reta se dirige ao que concerne às necessidades desta vida. Mas uma vontade que ama, nutre pensamentos capazes de saborear a bondade de Deus. — Guilherme de St. Thièrry.

A SOLENE OBRIGAÇÃO

Texto básico: I Cor. 9.16-23.

Texto central: "Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho" — I Cor. 9.16.

Leitura Diária

Jul.	16 — Seg.	— O clamor das pedras — Luc. 19.36-40
"	17 — Ter.	— Preservando a Palavra da Vida — Fil. 2.12-18
"	18 — Quar.	— Cooperador com o Evangelho — I Cor. 9.19-23
"	19 — Quin.	— Amor e perdão — Luc. 7.36-47
"	20 — Sex.	— O diálogo com a samaritana — João 4.6-26
"	21 — Sáb.	— Evangelização dos samaritanos — João 4.28-30, 39-42
"	22 — Dom.	— Missão da Igreja — Mar. 16.12-16

Leitura devocional: I Tim. 1.1-11.

INTRODUÇÃO — Em duas ocasiões diferentes, pessoas que passavam por difíceis experiências de provação, disseram-me que seria muito melhor que Deus levasse a pessoa deste mundo tão logo ela fosse salva por Cristo. Nesse caso a Igreja teria sido arrebatada há muito tempo. Por que Deus não faz isto? Entre as possíveis razões estará esta: é que Deus deseja que a sua Igreja funcione neste mundo como uma agência de evangelização. É o mesmo Paulo que diz: "aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação" (I Cor. 1.21). Noutras palavras, a Igreja ainda está no mundo porque há uma obra de evangelização a fazer. Na palavra de Cristo, "o fim" só virá quando "este evangelho do reino" tiver sido pregado em todo o mundo (Mat. 24.14). Portanto, se temos real interesse em que se cumpram as profecias, e se apresse a volta do Senhor Jesus, temos de nos empenhar na evangelização do mundo. É preciso não ceder nosso lugar às pedras. A obra de Deus não pode ser impedida. Por muitos meios, Deus poderia anunciar o Evangelho ao

mundo. E, no entanto, a nós foi distribuída essa obrigação. E aí é que Jesus diz que a nossa falha será suprida, de alguma forma, por Deus: "Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão" (Luc. 19.40). Corremos o risco de ser postos à margem do plano de Deus. Há, também, o aspecto do amor. Assim como Cristo nos amou e deu a sua vida por nós, devemos oferecer a nossa vida pela redenção dos outros. Era esse o espírito do apóstolo ao proferir palavras como: "Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e com todos vós me congratulo" (Filip. 2.17).

EXPOSIÇÃO — Nesta passagem há uma espécie de resumo da concepção que Paulo tinha do seu ministério. Relacionando o texto básico com o pensamento de Paulo exposto através de todas as suas cartas iremos verificar, sobre o seu ministério evangelístico, que:

I — Ele o considerava um privilégio — Uma coisa que Paulo não fazia era receber dinheiro para trabalhar para Cristo na obra de evangelização, embora afirmasse o direito que ele próprio tinha de receber dinheiro pelo trabalho: "Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o Evangelho, que vivam do Evangelho" (I Cor. 9.14). Isso nos faz lembrar um velho professor universitário que, ao se aposentar, fez um discurso e agradeceu a direção da escola os salários que havia recebido durante muitos anos. E afirmou que, se não fossem as necessidades que são comuns a todos os homens, ele, de muito boa vontade, teria pago para fazer aquele serviço. Esse o espírito de Paulo. Ele considerava a obra de evangelização uma gloriosa oportunidade de serviço.

II — Ele o considerava um dever, uma obrigação — O ponto de vista de Paulo era que, se ele tivesse escolhido ser um pregador do Evangelho, poderia, legitimamente, exigir pagamento por seu trabalho. Mas ele não tinha escolhido o trabalho; de certa forma, o trabalho é que o tinha escolhido (v. 16). Não era uma questão de pagamento ou não pagamento que o iria impedir de pregar. Romon Lull, grande místico espanhol, conta como veio a tornar-se um missionário de Cristo. Ele tinha levado uma vida descuidada, entregue à luxúria e outros prazeres. Um dia, estando ele sozinho, Cristo veio carregando sua cruz e disse-lhe: "Carrega isto para mim". Mas ele, empurrando-a, recusou-a. Outra vez, quando ele estava no silêncio de uma grande Catedral, Cristo veio e repetiu o pedido para que ele carregasse sua cruz. Nova recusa. E então, em um momento especial, Cristo veio uma terceira vez. E desta vez, disse Romon Lull, "Ele tomou sua cruz e com um olhar deixou-a pousar em minhas mãos. Que poderia eu fazer, a não ser tomá-la e carregá-la comigo?" Assim foi com Paulo: "Sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o Evangelho".

III — Quanto ao fato de não receber pagamento, Paulo estava convicto de que recebia, diariamente, uma grande recompensa. Ele tinha a satisfação de levar o Evangelho a todo homem a quem ele conhecia. É sempre verdade que a real recompensa de uma tarefa não é o pagamento recebido por ela, mas a satisfação de um trabalho bem feito. Isso quer dizer que a melhor coisa na vida não é escolher o emprego com o maior salário possível, mas escolher a tarefa em que seremos melhor sucedidos e felizes. É fato irrecusável que a felicidade depende inteiramente da nossa satisfação interior. E Paulo pergunta: "Nesse caso qual é o meu galardão?" e ele mesmo responde: "É que, evangelizando, proponha de graça o Evangelho" (v. 18).

IV — Finalmente, Paulo fala nos versículos 19-23 acerca do método do seu ministério. Em resumo, o método é uma palavra: identificação. Era livre mas fez-se escravo de todos; identificou-se com os judeus, para ganhar os judeus; identificou-se com os sem lei, para ganhar os que viviam fora do regime da lei; identificou-se com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Numa palavra: "Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns" (I Cor. 9.22). Assim Paulo seguia, estritamente, o exemplo de Jesus Cristo. Cristo comia com publicanos e pecadores (Mat. 11.19), e era censurado por isso. Recebia homenagem de mulheres sem muito bom conceito e também recebia críticas por causa disso (Luc. 7.37-39). Dialogava com pessoas hostis ao seu povo e lhes levava a água da vida (João 4.6-14). Compreendia os pecadores e os perdoava (João 8.1-11). Um dos seus mais belos ensinos está, justamente, na parábola a respeito de um homem estranho ao concerto de Israel e que, entretanto, se identifica com um israelita moribundo e o salva (Luc. 10.30-37). Parece-nos que a Igreja de Jesus Cristo hoje, para ser, de fato, uma Igreja que se preza da sua maturidade precisa de reaprender e praticar esta lição. Sucesso na evangelização depende de nos fazermos próximos de todos os homens, não só lhes anunciando as Boas Novas mas colocando-nos ao lado deles, identificando-nos com os seus trabalhos e lutas, suas doenças e suas dores, suas angústias e perplexidades, suas dúvidas,

e seus temores. Um dos mais tocantes pedidos que os homens fizeram a Jesus foi este: "Fica conosco, Senhor" (Luc. 24.29). Os homens precisam de Jesus, precisam de alguém que leve Jesus até onde eles estão, ou que os leve até onde está Jesus. Sejamos daqueles que, como Paulo, lutou de todas as formas para que, ao menos "alguns" sejam salvos.

APLICAÇÃO — Devemos, segundo as palavras do apóstolo Paulo, dizer: ai de nós se não pregarmos o Evangelho.

I — É dever de cada cristão integrar-se na obra da evangelização. 'Ide por todo o mundo e pregai"; "Sereis minhas testemunhas"; "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens"; "Ide, fazei discípulos em todas as nações", são palavras do Mestre, que se aplicam a todos os crentes; não assinalam, jamais, o privilégio de alguns (Mar. 16.15; Mat. 28.19-20; At. 1.8; Mat. 5.16).

II — Amor às almas é característico de um autêntico caráter cristão. É o exemplo de Cristo, que chorou sobre Jerusalém; é o exemplo de Paulo que confessava "deixar-se gastar" pelas almas (Luc. 19.41; II Cor. 12.15). Seus parentes, seus vizinhos, seus colegas de estudo, ou de trabalho, seus amigos, todos já estão salvos por Jesus? Você os ama? Já se preocupou com os destinos deles? Já orou por eles? Já lhes falou de Jesus? Se eles se perderem não ficará em você uma sensação de angústia e frustração? Que está você, realmente, fazendo pela salvação deles?

III — Você já se preparou para evangelizar? Que métodos usaria? Já estudou a Bíblia com vistas a uma estratégia de evangelização? Tem você conhecimento prático da Bíblia para poder manter um diálogo evangelístico?

A Escola Dominical é o mais importante departamento da Igreja, para dar aos crentes uma preparação conveniente e, além disso, a oportunidade de trazer visitan-tes à própria Escola, para que eles ouçam falar de Jesus. Não negligencie o seu dever de evangelizar.

VOCABULÁRIO

místico — voltado para o sentido interior da religião; **luxúria** — carnalidade; **irrecusável** — que não pode ser recusado; **concerto** — aliança; **reaprender** — tornar aprender; **tocante** — que move os sentimentos; **integrar-se** — ligar-se ao todo; **estratégia** — conjunto de normas necessárias a um plano de conquista.

HOMENS E NÃO MÉTODOS — Devemos lembrar sempre que Deus emprega homens e não métodos, mas o homem certo com o método errôneo é tão ineficaz como o homem errado com o método correto. Por mais que tentemos, rodas quadradas não rolam. Assim é que consideramos que o método de evangelização pessoal, em sua inegável dinâmica, constitui excelente forma de evangelização, que pode atingir cada ser humano, em qualquer nação! Sabemos que não é possível mostrar nosso afeto, de pé num púlpito, "pregando" na direção de um homem que está assentado trinta metros distante de nós. Não podemos, realmente, esperar exibir a prova mais eficaz do cristianismo — a prova do interesse humano — a menos que o transmitamos de pessoa para pessoa. — G. Edwards.

Lição 5 — 29 de julho

LIDERANÇA E SERVIÇO

Texto básico: Luc. 22.24-30.

Texto central: "O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve" — Luc. 22.26.

Leitura Diária

Jul. 23 — Seg. — O Filho veio para servir — Mat. 20.20-28
" 24 — Ter. — O exemplo da criança — Mat. 18.1-4
" 25 — Quar. — Servos inúteis — Luc. 17.7-10
" 26 — Quin. — Autoridade indiscutível — Mat. 21.12-13
" 27 — Sex. — Ensino que encanta — João 7.43-46
" 28 — Sáb. — O exemplo do Senhor — João 13.3-15
" 29 — Dom. — O Servo sofredor — Is. 53.3-11

Leitura devocional: Rom. 8.31-39.

INTRODUÇÃO — É muito humana a preocupação de ser o primeiro entre todos. E é pena que até entre os servos do Reino apareça essa preocupação, prejudicando o espírito com que se deve agir na Igreja e prestar serviço ao Senhor. E é impressionante

verificar que, mesmo entre os doze, aqueles que haviam sido expressamente escolhidos pelo Senhor Jesus para o apostolado, o problema também existira. "Quem dentre vós é o maior", está na razão direta da nossa condição de homens pecadores. Em Mateus o episódio está relacionado à mulher de Zebedeu, que pediu para os seus dois filhos o privilégio de se sentarem um à direita outro à esquerda do Senhor, no seu Reino. Curiosa, por outro lado, a indagação dos outros dez. Parece indicado no texto que cada qual alimentava a secreta aspiração de alcançar aquela honra (Mat. 20.20-28). Jesus ensina que as posições de honra a gente alcança, não como um prêmio gracioso, mas com trabalho. O mais honrado, o maior, entre os cristãos é aquele que serve mais ou aquele que serve melhor. E o próprio Mestre dá o exemplo: "Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mat. 20.28). A suprema liderança Ele a conseguiu servindo até à morte, até à cruz. Em nossas igrejas grassa esse terrível mal — amor aos cargos, prazer por estar em evidência, servir farisaicamente para ser visto pelos homens. Sem dúvida, tem de haver liderança. Mas esta há de existir sempre em função do serviço humildemente prestado a Deus e ao próximo, tendo sempre em vista que é a Cristo o Senhor que nós servimos.

EXPOSIÇÃO — De outra feita, os discípulos manifestaram aquela mesma preocupação a respeito de quem, dentre eles, seria o maior no reino dos céus. (Curioso como essa preocupação parecia ocupar a mente dos discípulos de Jesus, insistentemente). Naquela vez, conforme relato do capítulo 18 do evangelho segundo Mateus, a lição de Jesus foi colocar uma criança no meio deles, e afirmar que quem não for humilde como uma criança, nem sequer tem o direito a ingressar no Reino, quanto mais a ser o primeiro. Aí a primeira e grande lição a extrair, também, do texto de Lucas:

I — Uma grande lição de humildade — "O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve" (v.26). É impossível servir verdadeiramente a Deus, sem ter, no coração, humildade autêntica. É um difícil exercício, o que nos propõe o divino Mestre quando diz: "Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer" (Luc. 17.10). Ao vaidoso coração do homem, é, simplesmente, sobre-humano esforçar-se, servir, lutar, orar, gemer, sofrer, para depois dizer: "Somos servos inúteis". E, no entanto, é uma exigência de Cristo, que seu verdadeiro discípulo seja humilde até esse ponto. O líder autoritário, autocrata, arbitrário, ditador é repelido por todos, porque só está a serviço de si mesmo. O verdadeiro líder é aquele que é capaz de prestar o melhor serviço, sentindo-se servo daqueles que estão sob sua liderança. E isto não implica em perda ou ausência de autoridade. Houve ocasião em que Jesus teve de agir energicamente, utilizando até mesmo a energia física, para resguardar a santidade e pureza do templo (Mat. 21.12,13). Quando os servos do Sumo-sacerdote, certa vez, foram prendê-lo, não o puderam fazer e voltaram de mãos vazias. Não puderam resistir à autoridade com que Jesus falava e disseram: "Jamais alguém falou como este homem" (João 7.43-46). Mas é bom entender que humildade não é subserviência, nem covardia. Ninguém, que não seja, realmente, humilde, poderá aspirar a uma posição de liderança na Causa do Senhor. E se for mesmo humilde não irá servir tendo em vista obter a posição de liderança. Chegará lá sem o pressentir, como resultado de uma necessidade.

II — O sublime exemplo do Senhor Jesus (v.27) — "Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve". Não é fácil esquecer aquele outro exemplo de Jesus, quando, cingindo-se com uma toalha, lavou os pés aos discípulos (João 13.3-15) e lhes disse, por fim: "Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros". Uma das coisas mais notáveis no ensino de Jesus é que Ele nada exigiu dos seus discípulos que Ele próprio não estivesse disposto a fazer e não tenha efetivamente feito. A respeito do sentido sacrificial do seu trabalho, já o profeta dissera: "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is. 53.3), e, mais adiante, no mesmo capítulo: "Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito" (Is. 53.11). E Jesus invoca o exemplo do Pai, ao lado do seu: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5.17). Parece uma afirmação prosaica, estranha. É, no entanto, uma afirmação que traz o divino ao nível do humano. É o que podemos chamar de humildade, dentro da soberania e grandeza de Deus. É o exemplo dos exemplos.

III — A tremenda responsabilidade do servo (v.29) — O Reino que o Pai confiou ao Filho, Jesus

Cristo o confiou a nós. Seria justo comprometer o progresso do Reino com a nossa vaidade? Com as nossas pretensões aos primeiros lugares? Com a politiquice interesseira? Mordomos e despenseiros, são os termos usados na Palavra de Deus para designar os servos de Cristo, sem esquecer aquela recomendação: "o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (I Cor. 4.2.). O prêmio é de natureza espiritual, pois esta é promessa do Senhor Jesus: "para que comais e bebais à minha mesa no meu reino" (v. 30).

APLICAÇÃO — O ensino de Jesus deve ajudar-nos a fixar critérios para boa escolha dos líderes de nossas igrejas. Por exemplo:

I — **A eleição** (escolha) **não deve recair sobre o de melhor aparência.** Poderá acontecer o que ocorreu com Samuel na escolha de Saul (I Sam. 9.2).

II — **Não deve recair sobre o mais inteligente,** para não acontecer que, excessivamente confiante em si, ele possa levar o grupo a adotar soluções humanas para os problemas da fé. Atentar para as palavras de Paulo: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (I Cor. 1.26-29).

III — **Não deve recair sobre o mais rico ou poderoso,** apenas em respeito à sua posição ou à sua condição (I Cor. 1.26).

IV — **A eleição deve sempre ser orientada pela capacidade de servir com humildade.** Pode ser que a pessoa a ser escolhida tenha boa aparência, seja inteligente, rica, de ótima posição social, contanto que seja humilde e esteja disposta a depositar todas essas qualidades, dons e posses aos pés de Cristo e, deixando-as ali, levar a própria cruz, com dedicação e esperança.

V — **A eleição deve sempre recair sobre pessoas que tenham profunda vida espiritual.** Homens e mulheres que sejam propriedade de Deus, que sejam leais a Cristo e sua Igreja.

CONCLUSÃO — Como neste trimestre estamos estudando a maturidade da Igreja, convém que façamos autocrítica. Que tipo de crentes somos nós? Com que espírito estamos na Igreja de Cristo? É preciso acrescentar a tudo o que ficou dito acima que o serviço que podemos prestar à Causa não depende de receber ou de obter cargos na Igreja. Cargo é, apenas, uma forma de prestar serviço, entre muitas outras. Evangelizar não depende de ter cargo; fazer visitas também não; nem assistir ao necessitado, ser solidário com o que sofre, ser fiel na contribuição, testemunhar de Cristo em todas as circunstâncias... Há tantas formas de prestar serviço, embora sem as honrarias que tanto atraem os espíritos imaturos. Jamais aconteça o que sucedeu em certa igreja onde um homem eleito diácono, sem entender o alto significado da diaconia, declarou de público que não era um qualquer, para ser diácono. Se fosse eleito presbítero aceitaria. Quem tem esse espírito não está em condições de ser coisa alguma, até que se resolva a atingir uma compreensão mais amadurecida do Evangelho.

VOCABULÁRIO

episódio — parte de um relato; **farisaicamente** — à maneira dos fariseus, hipocritamente; **autoritário** — que impõe sua autoridade; **autocrata** — que governa sozinho; **arbitrário** — injusto; **ditador** — que faz e desfaz sem respeito à lei e aos direitos alheios; **subserviência** — qualidade que sacrifica sua dignidade para não contrariar a vontade alheia; **politiquice** — forma depreciativa de política.

DIGNIDADE E GRANDEZA — Uma pobre moça inglesa vivia como empregada de uma família rica. Seu trabalho era um tanto humilde e pesado e, além disso, o dono da casa era bem pouco agradável. A jovem procurava sempre ser cristã e viver de tal modo que agradasse a seu Salvador; mas, acudiu-lhe na mente a seguinte dúvida: "Como posso fazer, de maneira cristã, um trabalho tão rude, para este homem tão grosseiro?" Certa manhã, o patrão lhe trouxe os sapatos cheios de lama, para que ela os limpasse. O coração encheu-se-lhe de revolta, mas, à medida que os ia limpando, outro pensamento lhe ocorreu: "Se fossem estes os sapatos de Jesus, como eu os faria brilhar!" Assim, novo conceito de vida lhe penetrou na alma, dando-lhe grandeza e dignidade como nunca antes. É este o mais elevado pensamento que pode invadir a mente humana: viver para agradar a Cristo! — Col. Mil Ilustrações.

Lição 6 — 5 de agosto

CONTRIBUINDO COM ALEGRIA

Texto básico: II Cor. 9.6-11.

Texto central: "Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria" — II Cor. 9.7.

Leitura Diária

Jul. 30 — Seg. — Contribuição para os sacerdotes e levitas — II Crôn. 31.2-21
" 31 — Ter. — Semeou o que segará — Oséias 10.1-15
Ago. 1 — Quar. — A oferta das igrejas da Macedônia — II Cor. 8.1-14
" 2 — Quin. — O justo em contraste com o perverso — Prov. 11.1-28
" 3 — Sex. — O uso do dom da contribuição — Rom. 12.3-8
" 4 — Sáb. — Graça, oferecida a todos — Is. 55.1-13
" 5 — Dom. — Ofertas para o tabernáculo — Êx. 25.1-9

Leitura devocional: Sal. 112.

INTRODUÇÃO — **A contribuição do crente é um meio de expressar a sua fé e a sua gratidão a Deus.** Tomemos como exemplo do fato o testemunho de Nóe. Passado o dilúvio, Noé e sua família saem da arca e encontram a terra devastada. "Tudo o que havia no seco morreu". A primeira coisa que Noé fez foi levantar um altar ao Senhor e oferecer-lhe um culto. O holocausto constou da oferta de animais limpos e aves limpas. Numa terra desnuda e deserta, aqueles animais poderiam ser, e eram de fato, uma garantia para a sobrevivência da família, nos primeiros meses após o dilúvio. Fazendo aquela oferta e "queimando" o seu sustento, era como se Noé estivesse dramatizando uma oração, dizendo ao Senhor: Assim é a nossa fé. Não nos pesa fazer esta oferta, nem temos temores pelo futuro. Cremos que o Deus que nos livrou da destruição no dilúvio, é suficiente para suprir todas as nossas necessidades. E Deus se agradou da oferta e abençoou a Noé (Gên. 8.20-22). No Novo Testamento, o exemplo mais impressionante é o da viúva pobre. Recordo-me de ter ouvido uma jovem afirmar, faz alguns anos, que não era justo a igreja exigir de um operário, que ganha tão pouco e às vezes tem família grande, que tire daquilo que já não é suficiente e o entregue à Igreja. Nesse caso, Jesus deveria ter censurado a viúva pobre. Ela não entregou um décimo do que tinha. Na própria expressão de Jesus: "ela deu **TUDO** quanto possuía, todo o seu sustento". Jesus elogiou-a, precisamente porque aquela era uma oferta de fé. Era como se a viúva pobre estivesse orando assim: "Aqui está, Senhor, tudo quanto eu tenho hoje. Eu te entrego tudo porque sei que tu és suficientemente rico e poderoso para dar-me o sustento a seu tempo". Ela deu mais do que todos, disse Jesus (Marc. 12.41-44). E como não lembrar o episódio entre Elias e a viúva de Sarepta? Deus determina a uma viúva que sustente o profeta. O homem de Deus vai ao encontro dela e lhe diz que só tem "um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija". Vai preparar um pequeno bolo, comê-lo com seu filho e depois morrer. A ordem do profeta, entretanto, é: "primeiro faze um bolo para o profeta". Na moderna concepção de alguns isto seria um absurdo. Mas não na economia de Deus. Era preciso ter **fé** na providência de Deus e Deus honrou aquela fé. Não acabou a farinha nem o azeite (I Reis 17.11-16). Vale a pena honrar a Deus com a nossa fé, porque Ele não deixa de nos honrar com a sua bênção.

EXPOSIÇÃO — Cremos que, para fazer uma exposição clara do pensamento do apóstolo sobre o assunto — **Contribuição Cristã,** não podemos limitar-nos ao texto básico da lição, que, por sinal, está bem de acordo com o nosso assunto. Mas vale a pena ir um pouco além e, para proveito maior, vamos resumir o ensino apostólico da seguinte forma:

A contribuição Cristã tem de atender a três exigências básicas:

a) **Tem de ser voluntária,**

b) **Tem de ser metódica,**

c) **Tem de ser proporcional aos rendimentos.**

No nosso texto básico, o apóstolo focaliza exatamente o primeiro subtítulo: a) **A contribuição cristã tem de ser voluntária** — "Cada um contribua segundo tivez proposto no coração" (v.7). Este é o argumento-mestre daqueles que são contra o dízimo, como sistema-padrão da contribuição

cristã. Porque, segundo eles, o dízimo destrói a espontaneidade da contribuição. À primeira vista pode parecer que Paulo favorece os que pensam assim. Mas é preciso não mutilar o pensamento do apóstolo. Ele não diz apenas: "cada um contribua segundo tiver proposto no coração". Diz, também: "não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria". E quem é tão contra o dízimo, costuma contribuir com um certo pesar, às vêzes pensando que a Igreja "não precisa de tanto dinheiro". E, com freqüência contribui "por necessidade". Temos visto pessoas que só se sensibilizam quando ouvem os angustiantes apelos do pastor e de toda a liderança da igreja. Paredes rachadas, pintura descascada, exigüidade de acomodações, novo mobiliário... São tantas as necessidades! E o coração dessas pessoas só se comove assim, "por necessidade", da igreja. Parece até que essas pessoas desprezam a recompensa, a promessa do amor de Deus, que também está no texto: "porque Deus ama a quem dá com alegria". Ainda mais, Paulo ensina que a riqueza, a fartura da messe, a abundância da graça de Deus, é proporcional à contribuição que entregamos. Examinemos: "Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará". Tomemos como certo que a contribuição cristã tem de ser espontânea. E tomemos, como certo, também, que seja direito do cristão, entregar uma ínfima contribuição à igreja. Mas teremos de concluir como certo, fatalmente, que tais pessoas colherão o que semearam, serão cristãos pobres, que vivem à míngua das mais ricas, das melhores, das mais copiosas bênçãos de Deus. Porque, no ensino de Paulo, isto é como uma lei inexorável: "Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará" e quando vemos igrejas pobres, que não se bastam a si mesmas, não suprem as suas mínimas necessidades, podemos saber que essa lei está operando. Nos grandes centros, hoje, observa-se um fenômeno curioso e tremendamente prejudicial à maioria das igrejas. É um círculo vicioso: os pastores não podem dedicar-se **exclusivamente** às igrejas, porque elas não lhes podem oferecer sustento condigno; as igrejas, por sua vez, não crescem, nem sequer na proporção do crescimento demográfico das grandes cidades; e porque não crescem nunca terão recursos para manter condignamente o seu ministério e outros serviços. Tudo porque corações infelizes propõem dar pouco, torcendo o ensino da Palavra de Deus, e encontrando no pensamento de Paulo, intenções que nunca estiveram presentes ali.

b) Complementando este ensino, o apóstolo afirma que a **contribuição cristã tem de ser metódica** — "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for" (I Cor. 16.2) Paulo ensina aqui que a contribuição deve obedecer a um método. Em Corinto ela deveria ser separada sempre "no primeiro dia da semana", talvez porque o sistema salarial fosse o de pagamentos semanais, ou mesmo diários. É claro que num sistema de pagamento mensal o critério se altera. Mas o que é importante observar aqui, é que a contribuição não pode ser esporádica. Uma das grandes dificuldades que algumas igrejas encontram é, exatamente, a intermitência das contribuições, isto é, crentes que contribuem num mês, passam dois ou três sem contribuir e passam, até, um ano inteiro sem trazer sua contribuição. Pelas próprias necessidades do trabalho local, não pode ser assim. Há salários a serem pagos mensalmente, há contas de água, luz, telefone, que não esperam. Cada cristão, na sua profissão de fé, se torna responsável pelo sustento da Igreja e não se pode omitir. Paulo tem razão: a contribuição cristã tem de ser metódica.

c) **A contribuição cristã tem de ser proporcional aos rendimentos** — "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade..." (I Cor. 16.2). Não é para pôr de parte qualquer oferta. É para contribuir "conforme a sua prosperidade", proporcionalmente. E aqui afirmamos que o dízimo atende, perfeitamente, a esta exigência de proporcionalidade na contribuição. Diriam talvez: se resolvermos entregar 5%, 3% ou 1%, estará atendida, da mesma forma, esta exigência e aquela outra, porque estaremos contribuindo com método e, ainda mais, conforme propusemos em nosso coração. É preciso lembrar que a contribuição cristã, se não for igual ao dízimo, terá de ser-lhe superior. O espaço é curto, e o tempo também, mas vamos tentar demonstrar este princípio.

A contribuição cristã, se não for igual ao dízimo, terá de ser-lhe superior:

I — **Porque Jesus ampliou os mandamentos do Antigo Testamento** — Examine, querido aluno, com todo cuidado, a passagem de Mat. 5.20-48. Não é preciso expor o texto. Mas o raciocíno é lógico: se os próprios mandamentos foram

ampliados, e não limitados, por que razão fugiriam a esta regra traçada por Jesus Cristo as ordenanças da Palavra de Deus, entre as quais estava o dízimo?

II — Por causa da grandeza da obra da Igreja — Os judeus mantinham o seu culto centralizado em Jerusalém e não se sentiam com a obrigação de salvar o mundo. A Igreja tem a obra de evangelização a realizar e constrói templos por toda parte. É um trabalho ciclópico. Raciocínio: Se o judeu, fazendo infinitamente menos, entregava os dízimos, quanto deve entregar o cristão?

III — Por causa da amplitude da bênção — Os judeus viviam da esperança das profecias e das promessas de Deus. Era uma expectativa messiânica, o que os animava. Eles nem mesmo tinham, individualmente, a presença do Espírito Santo em seus corações. Nós temos a certeza de uma Obra Redentora plenamente realizada; nós temos, permanentemente em nós, o Espírto Santo. Raciocínio: nós recebemos muito mais do que os judeus. Como admitir que devamos entregar menos que eles?

APLICAÇÃO — Examine, cada aluno, a forma como tem trazido à igreja a sua contribuição, e procure enquadrar-se no ensino e no espírito do Novo Testamento.

VOCABULÁRIO

concepção — maneira de entender os fatos; **mutilar** — aleijar; **exigüidade** — qualidade daquilo que é demasiado pequeno ou apertado; messe — colheita, **ínfimo** — insignificante, pequeníssimo; **inexorável** — rígido, inflexível; **condigno** — de acordo com a dignidade do cargo ou função exercida; **demográfico** — relativo à população; **esporádico** — que ocorre uma vez ou outra; **intermitência** — interrupção de intervalo a intervalo; **ciclópico** — gigantesco; **messiânico** — relativo ao Messias.

A MENOR MOEDA — Diz o apóstolo que "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". É esta uma verdade que só por experiência podemos comprovar. Se só "ensaiamos" dar, mas não chegamos a dar, não gozaremos a bênção envolvida no ato. É conhecida aquela história do crente que, enquanto cantava, a plenos pulmões, com os demais membros da congregação, o conhecido hino: "Se o mundo inteiro fosse meu, Eu o daria ao Redentor" — com a mão no bolso discretamente procurava a menor moeda para pôr na sacola da coleta, que estava passando. — Col. Mil Ilustrações

A MOTIVAÇÃO REAL

Texto básico: Col. 3.22-25.

Texto central: "A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" — Col. 3.24.

Leitura Diária

Ago. 6 — Seg. — O Filho amado — Mat. 3.13-17
" 7 — Ter. — "A ninguém viram senão só a Jesus" — Mat. 17.1-8
" 8 — Quar. — O Bom Pastor — João 10.1-8
" 9 — Quin. — O amigo por excelência — João 15.12-16
" 10 — Sex. — O Salvador bendito eternamente — João 19.28-30
" 11 — Sáb. — Olhando só para Jesus — Heb. 12.1-3
" 12 — Dom. — A motivação real — Col. 3.22-25

Leitura devocional: Deut. 10.12-22.

INTRODUÇÃO — Cristo, o Senhor, é o objetivo supremo. Está claro em nosso texto e através do Novo Testamento transparece de todo o ensino dos apóstolos. A grande aspiração da alma crente deve ser chegar a esta experiência: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gál. 2.19-20). A vida espiritual é como um organismo em desenvolvimento e deve crescer até a plena maturidade em Cristo. Esta insistência "em Cristo" como real motivação da vida cristã, nunca será excessiva. Repetindo Paulo, temos este outro ideal proposto pelo Novo Testamento: "até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Efés. 4.13). É assim que a Escritura define a maturidade cristã: "à medida da estatura da plenitude de Cristo". Nosso esforço nesta série de estudos tem o fito de nos lembrar esse fato. A vida cristã também poderia ser definida

como um processo dentro do qual o indivíduo cresce em Jesus Cristo, ou se estiola, definha, torna-se infrutífero, enfraquece e morre. Lembremos as palavras do próprio Mestre: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta" (João 15.1,2). Poderíamos também apresentar a carreira cristã como uma corrida em busca da maturidade em Cristo. Sempre em Cristo. "Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim" (João 15.4). E assim se chega à conclusão de que Jesus Cristo não é só a motivação real da vida, é o seu sustento, a sua inspiração, a sua alegria, o seu tudo, enfim. Vejamos isso ainda melhor na exposição do nosso texto básico.

EXPOSIÇÃO — I — Os versículos desse texto fazem parte daquele trecho da carta aos Colossenses no qual Paulo fala das obrigações recíprocas. **A ética ou a moral cristã é uma ética, ou moral, de obrigações recíprocas.** Nunca uma ética em que todos os deveres estão de um lado só. Como Paulo disse, os maridos tinham obrigação com as esposas, os pais com os filhos, os senhores com os servos e vice-versa. Isto era algo inteiramente novo para aquela época. Tomemos alguns casos, examinando-os um por um, à luz deste novo princípio. Sob a lei judaica uma mulher era um objeto; ela era a propriedade do seu marido, da mesma forma que a sua casa, seu rebanho de ovelhas ou outra coisa qualquer. Na sociedade grega, uma mulher respeitável vivia uma vida de completa reclusão. Ela nunca aparecia sozinha nas ruas, nem mesmo para ir ao mercado. Dela se exigia castidade e total servilismo. Seu marido podia fazer o que entendesse. Sob as leis e costumes, tanto judaicos como gregos, todos os privilégios eram dos maridos e todos os deveres eram das esposas. No mundo antigo os filhos viviam sob o completo domínio dos pais. O supremo exemplo disso era dado pelos romanos. Sob a lei do pátrio poder dos romanos, um pai podia fazer qualquer coisa que desejasse, com seu filho. Ele podia vendê-lo como escravo; podia fazê-lo um simples trabalhador braçal em sua fazenda; ele tinha o direito legal de condenar seu filho à morte e levá-lo a execução. Outra vez, todos os privilégios e direitos eram do pai e todos os deveres eram do filho. O Cristianismo modificou totalmente esses costumes e estabeleceu direitos e obrigações para todos os homens. Sob a moral cris-

tã não há homem sem direitos e privilégios mas, igualmente, não há homem sem obrigações. É uma ética de responsabilidade mútua. A direção do ensino de Cristo não é: "o que o outro pode fazer para mim?" Mas: "que posso eu fazer para os outros?"

II — Mas o que é, realmente, uma coisa nova em tudo isso, é **que todo relacionamento pessoal, agora, é "em Cristo"** ou, "no Senhor". O segredo de uma vida cristã triunfante é ser vivida "em Cristo". Sempre invisível, mas sempre presente, no lar, na Igreja, "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome" (Mat. 18.20). Até no relacionamento pai-filho, a nota dominante, quando vivemos "em Cristo", é a paternidade de Deus. A nota dominante nas relações senhores-servos (diríamos hoje patrão-empregado) é que ambos, patrão e empregado são servos de um mesmo Senhor — Jesus Cristo.

III — No nosso texto básico Paulo trata, especificamente, das relações senhor-escravo. Não devia ser fácil falar disto e recomendar obediência, aos escravos. O que de ressentimentos devia existir no coração dos escravos, é difícil calcular. Esperar que eles servissem bem, mesmo longe de vigilância e "em singeleza de coração", era além do melhor otimismo. Mas Paulo recomenda que tudo o que fosse feito, o fosse de todo o coração. Mas como? Se os escravos eram forçados a servir, eram obrigados a trabalhar? Era possível fazê-lo de todo o coração, "em Cristo", e fazendo-o "como para o Senhor, e não para homens" (v.23)?

IV — Pode ser que existam, por aí a fora, servidores de igrejas, assim como há quem sirva a si mesmo. Há quem lute, apenas, por idéias, por princípios, por facções, por grupos, por organizações. O cristão autêntico, o que serve bem, e o que se sente feliz em servir, é o que tem aquela convicção de Paulo: "A Cristo, o Senhor, é que estais servindo". É para se meditar, igualmente, o fato que a certeza de se estar servindo a Cristo nos põe a salvo de frustrações, de desilusões, de decepções. Se, na experiência da escravidão, era bastante sentir que se estava servindo a Cristo, para amenizar a dura servidão, como não há de ser no serviço cristão, que é feito livre e voluntariamente?

APLICAÇÃO — A Igreja é uma comunidade de serviço. Jesus espera encontrar os homens servindo, quando Ele voltar: "Bem-aventurado aquele servo a quem

seu senhor, quando vier, achar fazendo assim" (Luc. 12.43). Há muitas razões pelas quais somos tentados a deixar de servir. Vamos dar alguns exemplos:

1 — Há quem encontre motivação para o serviço, na maneira como os irmãos apreciam seu esforço. Quando desaparece a aprovação e surgem as expressões de desapreço, vêm o desânimo e o fracasso. Cristãos amadurecidos não necessitam de citações públicas, nem mesmo de cargos, para servir. Sempre estará dominando a mente e o coração, como superior motivação do trabalho, a certeza de que: "Cristo, o Senhor, é que estais servindo".

2 — O texto nos ensina que, no lar, no trabalho particular, na Igreja, o que for feito para os parentes, para chefes ou subordinados, para os irmãos, será sempre feito com diligência, com perseverança, com amor. É assim que procedem cristãos amadurecidos que têm a Cristo Jesus como Senhor: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens". Cristo, o Senhor, será sempre a motivação suprema de uma vida cristã realmente útil e cheia de frutos.

VOCABULÁRIO

estiolar — definhar, secar; **reclusão** — prisão; **servilismo** — forma vergonhosa de servir; **facção** — partido; **amenizar** — tornar suave; **desapreço** — crítica, menoscabo.

— O cristão é aquele que, crendo em Cristo, **"renasceu"** para **o amor** e para uma **"vida nova":** a vida divina. — Michel Quoist.

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE — Conta-se a história de uma velhinha crente, do País de Gales, que sempre pensava que Jesus era natural de Gales. Quando foi argüida a esse respeito, procurou justificar o seu ponto de vista, declarando que Jesus sempre falou ao seu coração em dialeto galês. Sem dúvida, era verdade, e o mesmo ocorre com os naturais dos demais países: todos afirmam que Cristo lhes fala na sua própria língua — Duzentas Ilustrações (II).

REAGINDO COMO ADULTOS

Texto básico: Mat. 18.15-17.

Texto central: "Se teu irmão pecar, vai argüi-lo entre ti e ele só" — Mat. 18.15.

Leitura Diária

Ago.	13 — Seg.	— Exemplo de concórdia	— Gên. 13.1-9
"	14 — Ter.	— Atitude nobre	— Êx. 12.10-13
"	15 — Quar.	— "Deixai-lhe também a capa"	— Mat. 5.38-41
"	16 — Quin.	— "Orai pelos que vos perseguem"	— Mat. 5.43-48
"	17 — Sex.	— Vencer o mal com o bem	— Rom. 12.9-21
"	18 — Sáb.	— Somos do Senhor	— Rom. 14.1-8
"	19 — Dom.	— Reagindo como adultos	— Mat. 18.15-17

Leitura devocional: I Cor. 5.

INTRODUÇÃO — Uma das características mais fascinantes e, para o neófito, até surpreendente, das Escrituras Sagradas, é o seu impressionante realismo. Lendo a Bíblia, qualquer pessoa verifica logo que tem ante os olhos um livro honesto. Ali não se esconde nada, não se procura minimizar o mal, não se procura adoçar expressões, nem mostrar a realidade diferente do que ela é. O pecado é apresentado com suas verdadeiras cores. E, ainda mais do que isso, verifica-se, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que o mal atua, também, no seio do povo de Deus. Tratando da Igreja, o Novo Testamento nos mostra que ela é a comunidade dos pecadores redimidos por Jesus Cristo, mas que, embora regenerados, ainda são pecadores, infelizmente. Não há esforço para esconder deslizes de Pedro, ambições desmedidas dos filhos de Zebedeu e dos demais discípulos, desinteligências entre Paulo e Barnabé, conflitos de idéias, etc. As Igrejas, que desfilam pelas cartas de Paulo, aparecem cheias de problemas, de conflitos, de preferências pessoais. Sem esquecer que o "príncipe do mundo", "o diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (João 14.30; I Ped. 5.8),

pela própria natureza dos seus membros e pelo assédio pertinaz do diabo, sempre haverá problemas na Igreja, demonstra a Escritura. É este realismo bíblico que nos desafia, para um comportamento amadurecido, com relação aos choques que surgem entre pessoas capazes de agir e reagir livremente; pessoas que vieram de favelas, de lares desajustados, de conflitos alucinantes; pessoas que, mesmo procedendo de lares bem organizados, têm os seus próprios conflitos interiores, tudo pronto a explodir em reações até violentas, no seio de uma comunidade, que será sempre heterogênea, quanto aos elementos humanos que a constituem. Como reagir face aos problemas que surjam na Igreja? A resposta a esta pergunta é o que esperamos encontrar no desenvolvimento da lição de hoje.

EXPOSIÇÃO — O texto básico nos apresenta um esquema para acerto da quebra de boas relações dentro da comunidade cristã. A grande questão é: "Se teu irmão pecar".

I — O primeiro aspecto do problema é: "pecar contra ti". Há muitas formas mediante as quais um irmão pode pecar contra você: ofensa direta, calúnia, difamação, indiferença, reserva injustificada, desconfiança, ou mesmo falta de amor. Quando você pressentir que está acontecendo isso, por qualquer de suas formas, antes de qualquer outra coisa, procure verificar se seu julgamento é justo. Procure certificar-se se ocorreu, realmente, o pecado. Se tudo não passa de um mal do seu próprio coração. Feito isso, constatado que houve mesmo o pecado contra você, tome a providência ensinada por Jesus: "vai argüi-lo entre ti e ele só". Quantas coisas importantes Jesus ensina aqui:

a) **Vá ao encontro do seu irmão** — Faça-o imediatamente. Não fique envenenando a sua própria mente e remoendo a sua mágoa, maltratando o seu coração. A demora pode comprometer o bom êxito da providência que você tem de tomar. Qual seria o prazo máximo para isso? Eis a resposta: "Não se ponha o sol sobre a vossa i a" (Efés. 4.26). Como regra geral, não mais de 24 horas. Excepcionalmente, de acordo com as circunstâncias, talvez você tenha de dilatar o prazo. Mas não deixe demorar muito. A experiência tem demonstrado que quanto mais tempo a gente fica de relações cortadas, mais difícil se torna reatá-las. Vá ao encontro do seu irmão, depressa.

b) **Não comente com ninguém** — Jesus não nos dá alternativa. E o mestre tem razão. Ele sempre tem razão. Se o problema de duas pessoas é relatado a uma terceira, passa a ser problema de três pessoas. Não multiplique o seu mal. Não faça dele um mal contagioso. Deixe-o circunscrito a você e seu irmão. O problema só deverá passar adiante se você não o puder solucionar sozinho e de forma como Jesus ensina.

c) **Converse com seu irmão em termos que ele possa ouvir** — Afinal, você não vai conversar com ele só para aliviar a sua consciência. A consciência a que nos referimos não é a do irmão, é a sua mesmo. O objetivo, segundo Jesus, é fazer-se ouvir e ganhar o irmão. Fale-lhe com amor, de forma que a conversa o aproxime de você. Relação humana é algo muito delicado. Em hipótese alguma deve acontecer que a conversa o afaste ainda mais de você. E se você ganhou a seu irmão evitou um problema para você mesmo e para a Igreja. "De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam" (I Cor. 12.26).

II — O segundo passo só se justifica, é claro, se você, sozinho, não conseguiu "ganhar" o irmão. Por favor, não se revolte contra o irmão e nem o abandone, ainda que você tenha ido a ele bem intencionado e ele não o tenha ouvido. Volte. Leve uma ou duas pessoas com você. Procure pessoas responsáveis, sensatas, respeitáveis, cuja palavra possa ser ouvida e aceita. O objetivo ainda é ganhar o irmão. Não esqueça que, em tudo isso, você não está procurando justificar-se.

III — O terceiro passo é dizê-lo à igreja, caso, é óbvio, tenham falhado os passos anteriores. E vamos permitir-nos um adendo aqui. Se o pecado do irmão não for contra você, se for um pecado qualquer que você conheça, e que esteja prejudicando a vida espiritual do irmão, ou o testemunho da Igreja de Jesus Cristo, proceda da mesma forma. Cada membro é responsável pela saúde de todo o corpo. Ninguém pode fugir a essa responsabilidade. É fora de dúvida, a alusão de Cristo à autoridade que a Igreja tem, em matéria de disciplina, sobre os seus membros. Mas o dizer à igreja não deve ser uma forma de vingança. Ninguém vai esquecer o profundo e extenso ensino de Jesus sobre o perdão. Pedro perguntou: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? — Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mat. 18.21-22).

IV — Fica evidente do texto um outro fato: Jesus não admite

que você ignore, ou fique indiferente ao pecado do irmão. Não há como justificar uma omissão. Você não pode, simplesmente, abandonar o irmão em pecado. "Se teu irmão pecar contra ti, **vai...**". Não há alternativa. O pecado não é coisa de somenos importância, que você deixe passar sem reparo. É preciso lutar contra ele. Não lhe dê trégua. Pode ser que você não se esteja sentindo prejudicado pelo pecado do irmão. Pode ser que você pense que, pecar ou não, seja problema dele. Não é. É problema de todos. O ensino de Jesus é que alguém tem de ir ao irmão em pecado e ganhá-lo. Atravessamos uma época de lassidão moral, em que tudo parece permissível. Mas a liberalidade prejudica o testemunho da Igreja e, às vezes, o esteriliza, inutiliza-o. "Se teu irmão pecar" — vai, ganha-o, ajuda-o e estará ajudando também a Igreja para que ela seja luz no meio das trevas.

APLICAÇÃO — Na direção dessa conquista — a Maturidade na Igreja — a lição de hoje é da máxima importância. Jesus ensina como é que cristãos amadurecidos reagem em face do pecado:

1 — Não se escandalizam com **ele** — Realistas, como as próprias Escrituras Sagradas, os cristãos sentem que vivem em presença do pecado. Há casos em que pessoas abandonam a sua igreja, à verificação de algum pecado que as escandalizam. Não estão suficientemente amadurecidos. É preciso lembrar que uma igreja de homens que não pequem, seria uma igreja sem membros.

2 — **Reagem convenientemente** — Não ficam indiferentes. Não se omitem. Atentos à orientação de Cristo, prudentemente, não disseminam o mal, não propalam a existência do pecado, não se irritam, não acusam os irmãos. Procuram, discretamente, dar a mão ao irmão mais fraco e erguê-lo da situação em que está. É assim que reagimos como adultos, quando somos cristãos amadurecidos.

VOCABULÁRIO

neófito — novato; **minimizar** — diminuir a importância; **assédio** — ataque, investida; **pertinaz** — insistente; **alucinante** — que leva alguém a perder o controle de suas emoções; **dilatar** — estender; **adendo** — acréscimo; **somenos** — pouco; **lassidão** — frouxidão.

— Aquele que não perdoa os outros queima diante de si mesmo a ponte do amor divino. — Dale Evans.

SETE VEZES — O código dos fariseus, inspirado no Talmude, estabelecia que um homem só podia ser perdoado até três vezes, não se devendo conceder, de maneira alguma, uma quarta oportunidade aos trans-gressores. Quando Pedro levantou a questão sobre o número de vezes que um homem devia perdoar, ele se mostrou extremamente tolerante, pois "dobrou" o número de concessões admitidas pelos fariseus. Pedro ficou, então, perplexo, quando Jesus lhe declarou que o perdão não deveria ser concedido "sete vezes", mas, "setenta vezes sete". — Paul Holdcraft.

Lição 9 — 26 de agosto

COMPARTILHANDO AS CARGAS

Texto básico: Gál. 6.1-5.

Texto central: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" — Gál. 6.2.

Leitura Diária

Ago. 20 — Seg. — O Senhor se compadece dos aflitos — Luc. 17.11-19
" 21 — Ter. — Mais bem-aventurado é dar que receber — At. 20.32-35
" 22 — Quar. — Chorar com os que choram — Rom. 12.15-16
" 23 — Quin. — A verdadeira compaixão — Luc. 10.30-35
" 24 — Sex. — O mesmo sentimento de Cristo — Filip. 2.5-8
" 25 — Sáb. — O amor deve concretizar-se em atos — Tiago 2.14-17
" 26 — Dom. — A lei de Cristo — Gál. 6.1-5

Leitura devocional: Mat. 22.34-40.

INTRODUÇÃO — Na Igreja as pessoas devem estar dispostas a se apoiar, se ajudar e se confortar mutuamente. Cada pessoa tem uma carga, até poderíamos dizer "cruz", que é pessoal e intransferível. Ninguém a pode compartilhar. E essa carga pode ser o seu passado, a educação boa ou má que recebeu, ou, ainda, a educação que não recebeu.

Pode ser uma instrução deficiente. Pode ser uma soma de compromissos pessoais assumidos, enfim uma série de coisas que não podem ser compartilhadas com outrem. Por outro lado, há experiências que podem ser distribuídas, dores que podem ser amenizadas, ansiedades que podem ser aliviadas, necessidades que podem ser supridas. Numa comunidade onde todos professam a mesma fé, unidos pelos mesmos propósitos "em Cristo", os problemas de cada indivíduo são problemas do grupo. Há ainda a superior missão de que a Igreja está incumbida no mundo, missão que nos irmana, de modo que nos sentimos indissoluvelmente ligados uns aos outros. Alguém que sente o peso da carga e se retarda, ou pára, prejudica o trabalho do todo, atrasa o ritmo da jornada, na direção da conquista dos altos ideais da vida cristã. É preciso ajudá-lo a suportar e transportar a carga para que a Igreja caminhe firmemente. Teremos de cumprir, também, a recomendação do apóstolo Paulo: "Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram" (Rom. 12.15). Compartilhar lágrimas, deve significar, também, eliminar as causas do choro, quando for possível. Lembremos uma interessante estória que ouvimos há muitos anos, contada como ilustração: certo abastado fazendeiro fizera uma grande colheita de batatas. A tulha, o celeiro, estava abarrotada. Uma noite, reunida a família para o culto doméstico, o fazendeizo lembrou uma família pobre, da Igreja, que estava passando necessidades e recomendou que se orasse por ela. Ajoelhados para a oração, ergueu-se a voz de uma das crianças, interrompendo a oração e dizendo: "papai, por que o senhor não dá um saco de batatas para eles?" — Isto é solidariedade cristã. É assim que se compartilham cargas. É o que queremos aprender com a lição de hoje.

EXPOSIÇÃO — Antes de expor, propriamente, o texto convém tecer uma consideração que nos parece necessária. É que há um perigo que correm todos aqueles que Paulo designou com a expressão: "vós que sois espirituais". É o perigo do julgamento severo. Facilmente, o cristão zeloso poderá tornar-se intolerante, se perder de vista o exemplo de Jesus Cristo. O Mestre, intocável em sua retidão e pureza, era, entretanto, tolerante e paciente. Entrava para ser hóspede, e comia com publicanos e pecadores. Conversou com a mulher samaritana e entrou na cidade dela, a despeito da dissensão entre samaritanos e judeus. Perdoou a mulher adúltera e livrou-a da sanha dos judeus que queriam matá-la. A própria paciência do Mestre com Felipe, com Pedro, com Tomé, demonstra aquele exemplo de Cristo que precisamos seguir: resistência intransigente ao pecado, paciência e tolerância com o pecador. Denúncia contra o pecado, mão estendida ao pecador, ajudando-o a erguer-se da lama, é seguir o exemplo do Mestre. Não somos juízes dos irmãos e as proporções do pecado estão sempre invertidas em nosso juízo. Segundo Cristo, o pecado do irmão é "argueiro" no olho dele; mas o meu pecado é "trave" no meu olho. Segundo o homem, o seu pecado é que é "argueiro"; o do outro é "trave". O que, no entanto, o Mestre quis ensinar foi a complacência e é isto que Paulo reitera, escrevendo aos gálatas. Antes de prosseguir confiramos as referências: Luc. 19.5; João 4.7, 9,40; João 8.10-11; João 14.8-10; João 21.15-17; João 20.26-29, comparadas com Gál. 6.1.

I — Irmãos espirituais corrigem com brandura os irmãos faltosos e se guardam para não serem, também, tentados — No pensamento de Paulo, se repete o que já vimos no ensino de Cristo no Evangelho. O pecado não pode ser ignorado, nem relevado. Tem de ser corrigido "com espírito de brandura", naquele espírito de ganhar o irmão. Mas é preciso frisar que o apóstolo admite a existência de crentes espirituais, assim como de crentes carnais. Assim, quanto mais um cristão se considera espiritual, maior responsabilidade tem em relação aos outros. De outro lado, o cuidado para manter o nível elevado da vida espiritual é lembrado: "Guarda-te para que não sejas também tentado". A pessoa humana tem esta característica lamentável: não está realizada nunca. Não há um momento em que ela possa assegurar-se de que chegou a um estágio da vida espiritual em que não precisa lutar mais. Por isso a cuidadosa recomendação do apóstolo: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia" (I Cor. 10.12). E deve fazer-nos humildes a lembrança de que, no lugar do irmão que caiu, poderia ser eu que estivesse no chão.

II — Cristãos amadurecidos levam as cargas uns dos outros — Uma das tragédias da nossa pobre humanidade pode estar resumida naquela resposta de Caim a Deus: "acaso sou eu tutor de meu irmão?" (Gên. 4.9). O que Caim não sabia, ou não queria reconhecer é que, de certa forma, somos "tutores" dos nossos irmãos. Não no sentido de impormos uma pretensa autoridade nossa sobre eles, mas no sentido de ampará-los, de compartilhar suas cargas. E não há outra forma de

cumprir plenamente "a lei de Cristo". Não se trata somente de amparo material, evidentemente. Nem de meia cordialidade e simpatia para com o irmão. Se não for de ordem material ou física, mas espiritual ou moral, teremos de agir de forma semelhante. Representa muito, para quem está sofrendo, um aperto de mão, um abraço sincero. O cristão amadurecido, entretanto, não fica num simples gesto. Ele se dá a si mesmo pelo irmão: "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (I João 3.16).

III — **Cuidado com o julgamento de si mesmo** — É fácil alguém encher-se de vento. Pensar que se vale alguma coisa, não sendo nada, é iludir-se. A recomendação de Jesus é para nos considerarmos inúteis, mesmo depois de havermos feito tudo.

IV — **Prove o seu trabalho** — É possível que a conclusão seja sempre a de que não vale a pena gloriar-se. O propósito nosso, no serviço de Cristo, não deve mesmo ser a nossa glória, mas a glória de Cristo. É necessário fazer a avaliação do nosso trabalho, pelo menos para nos conscientizarmos de que estamos fazendo toda a vontade de Deus.

V — **Cada um levará o seu próprio fardo** — A referência é àquela parcela da nossa vida que não pode ser compartilhada com ninguém. Outra lição deste versículo, é que não deve ser nossa preocupação transferir nossas cargas para os outros. O altruísmo cristão deve levar-nos a nos preocupar com os outros, não a preocupar os outros.

APLICAÇÃO — Nenhuma sociedade humana, por fraterna que seja, poderá ser comparada em carinho, interesse e amor, aos laços que unem os cristãos uns aos outros. E é na comunidade cristã que melhor se exercita a verdadeira solidariedade humana.

1 — Cristo levou sobre si as nossas cargas. Da mesma forma nós devemos levar as cargas uns dos outros. Isaías nos mostra, numa impressionante antevisão profética, o que Cristo sofreu em nosso lugar: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is. 53.4-5).

2 — A obra da Igreja, a ênfase evangelística, não pode, prescindir desse espírito de solidariedade interna da Igreja. Tal fato é parte do testemunho da Igreja. Quando Cristo ora pela união dos seus discípulos, o faz com estas palavras: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (João 17.20-21).

VOCABULÁRIO

irmanar — unir como os irmãos se unem; **sanha** — fúria; **altruísmo** — preocupação com o outro; **prescindir** — dispensar.

— Melhor se beneficia quem melhor serve. — Moto do Rotary Internacional.

O PRAZER DE SERVIR — Toda a natureza é um desejo de serviço. Serve a nuvem, serve o vento, servem os vales. Onde haja uma árvore que plantar, planta-a tu; onde haja um erro que emendar, emenda-o tu; onde haja um esforço que todos evitam, aceita-o tu. Sê aquele que afasta a pedra do caminho, o ódio dos corações e as dificuldades de um problema. Existe a alegria de ser sadio e a alegria de ser justo; mas existe, sobretudo, a formosa, a imensa alegria de servir. Como seria triste o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse um roseiral que plantar, uma empresa que iniciar! Aquele é o que critica, este é o que destrói; sê tu o que serve. O serviço não é tarefa só de seres inferiores. Deus, que dá o fruto e a luz, serve. E Ele, que tem os olhos em nossas mãos, nos pergunta todo dia: "Servistes hoje? A quem? À árvore, a teu amigo, à tua mãe?" — Gabriela Mistral.

Lição 10 — 2 de setembro

O SINAL DA MATURIDADE

Texto básico: Filip. 3.12-16.

Texto central: "Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" — Filip. 3.14.

Leitura Diária

Ago. 27 — Seg. — Arrolados nos céus — Luc. 10.17-20
" 28 — Ter. — O privilégio de estar com Cristo — Luc. 10.21-24
" 29 — Quar. — Um só leva o prêmio — I Cor. 9.24-27
" 30 — Quin. — O importante é não correr em vão — Filip. 2.12-18
" 31 — Sex. — A coroa da Justiça — II Tim. 4.6-8
Set. 1 — Sáb. — A coroa da Vida — Apoc. 2.8-11
" 2 — Dom. — O prêmio maior — Filip. 3.12-16

Leitura devocional: I Cor. 7.17-24.

INTRODUÇÃO — É singular. Um dos sinais de que um cristão atingiu a maturidade é a sua convicção de que precisa crescer mais, que não atingiu, ainda, a perfeição. O cristão tem de ser um inconformado. E esta espécie de inconformação não é apenas em referência ao seu homem interior, com o alto nível de espiritualidade que tenha logrado atingir. É inconformação com o mundo, com a carne, com os problemas da sua igreja, com os poucos frutos do trabalho da Igreja e do seu trabalho pessoal. Inconformação que, todavia, não o levará a criar ambiente de tensão na igreja, não o levará a criar tumulto. No nosso texto o apóstolo vai ensinar que a imperfeição do todo é resultante da imperfeição de cada parte, isto é, a imperfeição da Igreja é o conjunto da imperfeição de cada um dos seus membros. Noutras palavras, a Igreja é imperfeita porque você é imperfeito. Daí a recomendação do apóstolo: "E não vos conformeis com este (mundo) século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rom. 12.2).

Quanto mais perto chegamos de Jesus Cristo, tanto mais sentimos que somos imperfeitos e tomamos alento para prosseguir com a luta na direção da conquista do ideal da perfeição. Quanto mais nos aproximamos de Cristo mais a graça e o Espírito Santo vão aperfeiçoando a nossa vida, assim como a sombra diminui, à proporção que nos aproximamos da luz. Isto é maturidade: o reconhecimento de que não alcançamos ainda as alturas da plenitude de Cristo; o prosseguimento incansável do esforço e da luta na conquista da perfeição em Cristo. É o que esperamos aprender neste estudo.

EXPOSIÇÃO — A grande palavra, a palavra dominante no primeiro versículo do nosso texto básico é: **perfeição.** É a palavra que aparece no v.15 com outra forma: **perfeito.** É traduzida do grego — "TELEIOS", que, pelo menos em duas passagens do Novo Testamento, I Cor. 14.20 e Efés. 4.13-14, é usada em contraste com as palavras "PAIDION" e "NEPIOS", que significam **menino, criança.** Em I Cor. 14.20, por sinal, se traduz "homens amadurecidos", em constraste com "meninos no juízo". Vejamos o versículo todo: "Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos". Em Efésios 4.13, 14, tomando-se a parte final do v. 13 com a parte inicial do v. 14, temos: **"a perfeita varonilidade,** à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não sejamos como meninos". Em I Cor. 14.20 temos — "maturidade"; em Efés. 4.13-14 temos — "perfeita varonilidade". Em ambos os casos, o apóstolo Paulo usa a mesma palavra do texto da carta aos Filipenses, que estamos examinando: **perfeição** ou **perfeito**, isto é, maturidade, como alvo da vida cristã. E o que Jesus Cristo também nos propõe no Evangelho: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste" (Mat. 5. 48). O desejo de Jesus Cristo, por conseguinte, também é que sejamos cristãos amadurecidos. Está mais do que justificado o tema geral do trimestre e o tema do estudo de hoje. Somos cristãos amadurecidos? Há sinais, há evidências disso em nossa vida cristã?

ANÁLISE DO TEXTO BÁSICO

V.12 — Paulo afirma que ainda não obtivera a perfeição. Mas prosseguia para conquistá-la. E diz que para isto "fui conquistado por Cristo Jesus". Interessante: fomos conquistados por Cristo para a maturidade, para

sermos homens maduros. Estão totalmente enganados aqueles que pensam que a salvação só se realiza no céu. Podemos dizer que estamos sendo salvos, aqui e agora. Cristo está presente em nós: "aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória" (Col. 1.27). O Espírito Santo está presente em nós: "Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (I Cor. 6.19). O Pai e o Filho estão em nós: "Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (João 14.23). Há, portanto, uma fortíssima concorrência de forças, presentes e atuantes na vida do cristão. É a salvação sendo operada, dia a dia. Com tais auxiliares ninguém pode aspirar menos que a perfeição, a plena maturidade. Nós fomos conquistados por Cristo Jesus e Cristo colocou ante os nossos corações o grande alvo da vida cristã: a perfeição, a maturidade. Cristo fez mais. Ele nos deu o seu Espírito, para que nunca estivéssemos sozinhos nessa luta: "o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós" (João 14.17).

Vs. 13 e 14 — Aqui o apóstolo nos dá uma esplêndida fórmula de sucesso: esquecer as coisas que ficam para trás, avançando para as que estão à frente e prosseguindo para o alvo. Com efeito, a contemplação do passado, ou o exame do que vai ocorrendo ao redor de nós, só nos cria embaraços. É assim que a carta aos Hebreus nos recomenda: "Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hebr. 12.1-2). Se formos atentar para as fraquezas, para os pecados, para as maldades, para as misérias do mundo, um profundo pesar, uma tristeza invencível, tomará conta do nosso coração. Se nos fixarmos nas falhas da Igreja, no mau testemunho de tantos irmãos, nos escândalos que, lamentavelmente, ocorrem com muito mais freqüência do que seria de esperar, sentiremos uma frustração paralisante. O recurso é mesmo esquecer as coisas que ficam para trás e fixar, firmemente, os olhos no Autor e Consumador da nossa fé, Jesus. Se assim

procedermos, nada virá a nos embargar os passos, no rumo do "prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus".

V.15 — Há uma aparente contradição aqui. Paulo diz: "Todos, pois, que somos perfeitos". Que significa isto? Antes ele afirmara não ter alcançado, ainda, a perfeição. Agora se dirige aos "que somos perfeitos". Cremos que se deve aplicar aqui o princípio mediante o qual Paulo podia dirigir-se aos crentes, de Corinto, por exemplo, chamando-os **santos**: "À igreja de Deus que está em Corinto, e a todos os **santos** em toda a Acaia" (II Cor. 1.1). Tais crentes podem ser chamados **santos** porque foram santificados em Cristo Jesus: "à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus" (I Cor. 1.2). Assim também podemos afirmar que somos perfeitos em Jesus Cristo: "Também nele estais aperfeiçoados" (Col. 2.10). Não é santidade ou perfeição em comportamento e conduta. É santidade e perfeição na nossa posição "em Cristo". A perfeição em toda a nossa maneira de ser, é o que falta conquistar: a santidade na conduta, a integridade na consagração, a obediência incondicional ao Senhor, e tantos e tantos atos e atitudes que fazem parte da vida cristã.

V.16 — Ser cristão não é viver em constante busca de um ideal utópico. É viver e lutar com os recursos que já alcançamos da parte de Deus. O ideal da perfeição nos desafia a que o alcancemos. Mas, enquanto nos esforçamos, vamos andando "de acordo com o que já alcançamos": a justificação dos nossos pecados, a paz interior, a visão das coisas celestiais, a companhia do Senhor. São porventura insuficientes essas bênçãos que já nos pertencem, desde agora e para sempre? — Certamente que não.

APLICAÇÃO — Fica bem evidente que a maturidade se manifesta por dois elementos distintos:

1 — A convicção de que somos imperfeitos. O verdadeiro cristão não fica satisfeito com a simples certeza de ter sido salvo da condenação de seus delitos e pecados. É claro que sem essa certeza tudo o mais perde sentido na experiência cristã. Mas isso não é o fim de tudo.

2 — A luta em prol da perfeição. Pode-se resumir a vida cristã, no que concerne à sua expressão mais objetiva neste mundo, numa frase: é a busca constante, incansável e interminável da maturidade, da perfeição.

VOCABULÁRIO

singular — único, curioso; **assediar** — atacar; **embargar** — impedir; **em prol** — em favor.

CRISTO É O CAMINHO — Uma das maravilhas do mundo antigo era a Via Appia, uma notável rodovia pavimentada, ligando Roma à parte meridional da Itália. Foi construída por Appius Caludius Caecus, por volta do ano 312 A.C. Inicialmente tinha 132 milhas de extensão, mas, posteriormente, sofreu vários acréscimos. Para nosso gáudio, contamos também, na esfera espiritual, com magnífica via: "Cristo é O Caminho!" Sim, Ele é a estrada plana, acessível, sem contornos, que nos conduz da terra aos céus; do homem a Deus; da dúvida à certeza; da morte à vida! — Paul E. Holdcraft.

Lição 11 — 9 de setembro

AVIVAMENTO OU MORTE

Texto básico: Col. 1.9-12.

Texto central: "Não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" — Col. 1.9.

Leitura Diária

Set. 3 — Seg.	— O Espírito é que vivifica	— Ez. 37.11-14
" 4 — Ter.	— O jejum escolhido por Deus	— Is. 58.6-11
" 5 — Quar.	— "Aviva a tua obra"	— Hab. 3.1-4
" 6 — Quin.	— A Igreja avivada pelo espírito	— At. 1.1-8
" 7 — Sex.	— Pedras que vivem	— II Ped. 2.1-10
" 8 — Sáb.	— Advertência contra os mornos	— Apoc. 3.14-19
" 9 — Dom.	— Avivamento ou morte	— Col. 1.9-12

Leitura devocional: II Cor. 5.11-17.

INTRODUÇÃO — A Igreja é o Corpo de Cristo. Como todo corpo, precisa de alimento e precisa de cercar-se de outros cuidados, para sobreviver e realizar-se em plenitude. Acontece que a vida

da Igreja não diz respeito a ela própria, somente. Diz respeito à sociedade e ao mundo que a cerca. Jesus ensinou que os seus discípulos são "sal da terra" e "luz do mundo" (Mat. 5.13-14). Ensinou que a luz deles tem de resplandecer "diante dos homens" (Mat. 5.16). Ensinou que a água da vida, que recebemos, tem de se transformar em rios que corram e transbordem em bênçãos para o mundo: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem" (João. 7.38,39). Como se vê, no Corpo de Cristo, que é a Igreja, tem de haver transbordamento de vida. A vida do cristão é uma vida que se expande, que influencia, que ilumina, que não só preserva mas manifesta o amor e o poder de Deus. Noutras palavras, a vida cristã é uma vida que transmite vida. Ao nosso redor há um ambiente de morte. São homens e mulheres que comem, bebem, amam, odeiam, sorriem, cantam, choram, gemem, trabalham — porém, estão "mortos em seus delitos e pecados". É por isso que se justifica o dramático apelo de Paulo à igreja dos efésios: "Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará" (Efés. 5.14). A obra da Igreja no mundo é autêntico milagre de ressurreição. Ela tem de fazer homens redivivos, num mundo que é um verdadeiro cemitério. Ela vive cercada de morte e escuridão. Ela é desafiada a demonstrar vida e poder num ambiente totalmente adverso. Ela precisa encher-se do Espírito Santo. Verdadeiro avivamento é plenitude do Espírito e só o revestimento do Espírito capacita a Igreja para a obra imensa que ela tem a realizar. Foi assim que Jesus recomendou aos discípulos: "Permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Luc. 24.49). E mais: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At. 1.8). Etapas de um verdadeiro avivamento, pode ser o título do texto básico que vamos agora examinar.

EXPOSIÇÃO — I — Paulo faz uma oração modelo, neste trecho da sua carta, e começa pedindo: "que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade" (v.9). Nesta oração não se pede saúde, dinheiro, emprego, felicidade, nada das necessidades comuns, nem de pedidos sempre freqüentes nas orações. Pede-se, primeiro que tudo, "pleno conhecimento da vontade de Deus". E para atingir esse conhecimento pleno, não podemos dispen-

sar a assistência do Espírito Santo. A promessa de Jesus é esta: "o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (João 14.26). E prometeu mais: "quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade" (João 16.13). E é bom verificar que, qualquer conhecimento parcial da verdade não satisfaz. É preciso conhecer a verdade toda. Paulo ora pelo "pleno conhecimento", da vontade de Deus pelos colossenses. Deve sempre ser nossa preocupação: a) o que é a vontade de Deus **para a sua igreja?;** b) o que é a vontade de Deus **para mim?;** "Pleno conhecimento" deve significar, ainda, o que é a sua vontade para nossa vida em todos os dias de nossa permanência na terra. Não se pode deixar de dizer, também, que frustrações, desilusões, decepções, angústias e tristezas por fracassos na obra de Cristo, são, via de regra, decorrentes da falta de pleno conhecimento da vontade de Deus. Paulo tinha razão ao orar pedindo assim pelos colossenses: "que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade". Não pode haver avivamento sem conhecimento pleno da vontade de Deus.

II — No segundo termo da oração, Paulo intercede pelos colossenses, para que eles sejam capazes de cumprir a vontade de Deus. É preciso obedecer, não só para que obtenhamos êxito em nossa vida espiritual, mas porque não há outra forma de ser agradável a Deus. Sem obediência, pode acontecer-nos o que sucedeu a Israel. É a palavra do profeta Isaías: "Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniqüidade, raça de malignos, filhos corruptores; abandonaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás". "De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados, e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes". "Não continueis a trazer ofertas vãs... Não posso suportar iniqüidade associada ao ajuntamento solene" (Is. 1.4,11,13). É inútil tentar prestar serviço a Deus sem irrestrita obediência à sua soberana vontade. Há uma sucessão de requisitos, importantes e necessários à experiência cristã, que são colocados aqui pelo apóstolo:

a) "viver de modo digno do Senhor";

b) "viver para o seu inteiro agrado";

c) "frutificar em toda a boa obra";

d) "crescer no pleno conhecimento de Deus".

A Escritura nos confere a dignidade de embaixadores e é absolutamente necessário "viver de modo digno do Senhor", a fim de representar bem o Reino de Cristo. Há pessoas que estão na igreja para o agrado delas próprias. Quando alguma coisa as desagrada, criticam, censuram, tumultuam ou, simplesmente, mudam de igreja. Às vezes não encontram uma igreja que as satisfaça. Acabam em igreja nenhuma. Não é o que nos agrada o que interessa; o nosso viver, "em Cristo", é "para o seu inteiro agrado". É para o agrado dele, de Cristo. O verdadeiro cristão apresenta frutos em sua obra. É essencial que seja assim. É bom lembrar o ensino de Jesus no capítulo 15 do evangelho de João. Mais significativo ainda é o exemplo da figueira que morreu porque não tinha fruto (Mat. 21.18-19). A vida cristã é dinâmica. Não pára. Crente avivado é crente que vive crescendo "no pleno conhecimento de Deus" e que produz frutos crescentes, à proporção em que se desenvolve.

III — Agora, no terceiro termo da oração, a súplica é pelo fortalecimento em poder. O cristão tem necessidade diária de poder. Poder para resistir ao diabo (Tiago 4.7); para vencer o mundo (I João 5.4); para subjugar a carne (I Cor. 9.27); para pregar e testemunhar de Jesus Cristo (At. 1.8). Um dos aspectos mais impressionantes da Pessoa e Obra de Jesus Cristo era exatamente este: o poder e autoridade inegáveis de sua Personalidade, que provocavam admiração de quantos o cercavam. "E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mat. 8.27). "E saíram a ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados de terror" (Luc. 8.35).

IV — Finalmente, as ações de graça ao Pai pela idoneidade dos colossenses. Essa idoneidade é uma conquista da vida espiritual. E se alguém alcançou um estágio da vida espiritual, em que se tornou idôneo "à parte que lhe cabe da herança dos santos na luz", é motivo para dar graças a Deus, "com alegria".

APLICAÇÃO — Se avivamento é tudo isso: conhecimento da vontade de Deus, crescimento no pleno conhecimento de Deus, fortalecimento em poder do Espírito, abundante colheita de frutos, parece que a Igreja de hoje não se equivale à Igreja do Novo

Testamento. Há desafio diante dela: ou se aviva ou morre. Despertemos e nos apliquemos à oração. Supliquemos a Deus:

1 — Anseio por conhecer mais e melhor a sua vontade;

2 — Gosto pelo estudo sério e aprofundado da sua Palavra;

3 — Amor, sabedoria e aplicação na oração;

4 — Coragem para um testemunho fiel e intransigente da nossa fé em Cristo;

5 — Abundante poder do Espírito Santo para uma vida triunfante.

VOCABULÁRIO

redivivo — ressurreto; **idoneidade** — qualidade daquele que é merecedor de alguma coisa; **intransigente** — que não faz concessões.

— O Espírito Santo renova o homem, infundindo no mesmo os hábitos ou qualidades sobrenaturais de sua graça salvífica e santificadora, tornando-o uma nova criatura. — Gurnall

---

AMOR AOS PERDIDOS — Faz anos, um homem que viajava no Estado de Minesota, Estados Unidos, perdeu-se em meio a uma terrível tempestade. A neve caía sem cessar, e o homem não tinha mais esperança de salvar-se, quando viu, à distância, a luz bruxuleante de um lampião pendurado no alpendre de uma cabana de toros. Fazendo grande esforço para chegar até o casebre, conseguiu, assim, salvar sua vida. Sendo homem de dinheiro, comprou a cabana e edificou, no mesmo sítio, uma formosa casa. No alto de uma torre colocou uma luz giratória, e, cada vez que há tormenta, acende a luz, a fim de que possa salvar algum viajante que se encontre em dificuldades. Assim quer Deus que procedamos. Se formos resgatados, tal bênção não nos deve levar a um estado de auto-satisfação e inatividade; ao contrário: o nosso dever precípuo é procurar salvar os demais. — Tesouro de Ilustrações.

Lição 12 — 16 de setembro (Dia da Escola Dominical)

CRISTÃOS APROVADOS

vamos obedecer os mandamentos de Deus

Texto básico: II Tim. 2.14-19.

Texto central: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" — II Tim. 2.15.

Leitura Diária

Set. 10 — Seg. — Preservação contra o pecado — Sal. 119.10-16
" 11 — Ter. — Olhos desvendados — Sal. 119.17-23
" 12 — Quar. — O valor da lei do Senhor — Sal. 119.72-77
" 13 — Quin. — Lâmpada para os dias de trevas — Sal. 119.103-108
" 14 — Sex. — "Aprendei de mim" — Mat. 11.28-30
" 15 — Sáb. — A Palavra permanecerá — Mat. 24.32-35
" 16 — Dom. — Cristãos Aprovados — II Tim. 3.14-16

Leitura devocional: I Ped. 2.1-10.

INTRODUÇÃO — Como servos de Cristo estamos sujeitos a julgamento. O Novo Testamento tem muitas alusões e referências claras ao juízo sob o qual vivemos e perante o qual teremos de dar contas. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo" (II Cor. 5.10). O salmista se impressionava com a convicção de que todos os acontecimentos de sua vida tinham o prévio conhecimento de Deus. "Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nenhum deles havia ainda" (Sal.139.16). Até os segredos dos homens são patentes aos olhos de Deus e passíveis de julgamento: "no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho" (Rom. 2.16). Jesus também afirmou que são distribuídos talentos aos seus servos e, na proporção do rendimento desses talentos, eles são julgados (Mat. 25.14-15, 19-30). Ao escrever a Timóteo, Paulo tem em mente o fato que o obreiro do Senhor trabalha sob juízo e,

portanto, deve cuidar-se para merecer a aprovação de Deus. Isso também nos deve lembrar que Deus está atento a tudo que acontece neste mundo. Ele não produziu a sua obra de criação para depois abandoná-la à sua própria sorte. Ele não criou a Igreja, para deixá-la seguir o seu próprio rumo. E se, por um lado, esse fato nos deve encher de temor, por outro nos encoraja e anima, pela certeza de que Deus acompanha a sua obra e não só exerce juízo sobre ela, mas sustenta-a também. Paulo dá ao obreiro a obrigação da iniciativa. Ele é que deve apresentar-se. Não deve esperar ser chamado às falas, como Adão, que pecou e depois fugiu e foi esconder-se. É ingenuidade pensar que se pode escapar ao juízo de Deus (Gên. 3.8-9).

EXPOSIÇÃO — I — Paulo está exortando Timóteo a apresentar-se a si mesmo, entre os falsos mestres, como um verdadeiro campeão da verdade. A palavra que o apóstolo usa é a palavra grega "PARASTESAI" que significa, precisamente, "apresentar a si mesmo para o serviço". As palavras e frases que se seguem ao nosso texto básico desenvolvem esta idéia de utilidade **para** e **em** serviço: "Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra" (II Tim. 2.21). A palavra "aprovado", no grego, é "DOKIMOS" e quer dizer: "aquele que foi provado e purificado e que está apto para o serviço". Por vezes ela descreve o ouro ou a prata que tem sido purificado e limpo, pelo fogo, de toda mistura e impureza. Assim Timóteo devia ser purificado e provado, para poder ser um obreiro devidamente qualificado para o serviço de Cristo.

II — Em seguida Timóteo é exortado com uma frase que ficou famosa e que é apresentada em nossas Bíblias com esta forma: "que maneja bem a palavra da verdade". A palavra do texto original é uma palavra muito interessante que queria dizer, originariamente: **cortar certo.** Calvino ilustra isso com um pai que divide o alimento, à hora da refeição, e retalhando-o, faz que cada membro da família receba a porção certa, necessária e adequada. Beza relaciona a frase com o esquartejamento de uma vítima no holocausto, de modo que cada parte da vítima era corretamente distribuída no altar pelo sacerdote, recebendo este, também, a parte que lhe cabia. Os gregos também usavam a palavra para descrever o trabalho de um pedreiro que corta e lavra uma pedra e a coloca, bem ajustada, no seu correto lugar na estrutura de um edifício. Parece-nos mesmo, que um dos erros mais freqüentes na experiência de toda a cristandade são as distorções, as mutilações e até acréscimos que se fazem, indevidamente, à Palavra de Deus. Alguns procedem como se ela fosse de borracha e devesse adaptar-se sempre às suas idéias ou conveniências. Para Paulo, o obreiro aprovado é aquele que "divide bem a palavra da verdade". Não é só aquele que sabe manejar a Palavra, ou esgrimir com ela, como quem luta com a espada. Não é só saber de cor a Palavra e citá-la, aplicando-a a seu bel-prazer e como bem entender. O texto tem interpretação certa, aplicação correta. Há na Escritura, o que diz respeito a Israel e não pode ser aplicado à Igreja, ou vice-versa. Uma interpretação ou aplicação errônea, pode ser até causa de angústia para o crente. Não faz muito tempo, uma senhora crente se angustiava porque não tinha muitos frutos em sua vida. Mas é que, no seu entendimento, fruto era conversão de almas, e somente isto. Quando Jesus disse: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mat. 7.16), não era de conversão de almas que Ele estava falando. Pelo contrário. Ele falava em sentido negativo. Falava de "maus frutos". Vemos assim, como é perigoso usar e aplicar mal a Escritura.

III — Falatório! É tão comum! E Paulo exorta Timóteo a evitá-los. E o apóstolo afirma que o falatório, em si, já é um mal. Acresce que ele dá origem a outros males e, pela linguagem do texto, isso é fatal: "pois os que dele usam passarão a impiedade ainda maior". Falatório é passo inicial de degradação na carreira cristã.

IV — Nos versículos 17 e 18 Paulo focaliza o mesmo problema de que já falara no v. 14: Dá testemunho solene a todos, perante Deus, para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes. A linguagem dos "faladores", entre os quais Paulo destaca Himeneu e Fileto, "corrói como câncer". Eles são perigosos. Naquela situação específica, eles propalavam que a ressurreição já era coisa do passado. Não haveria mais ressurreição. E conseguiram "perverter a fé a alguns".

V — Finalmente, a afirmação de uma verdade eterna e uma outra exortação a Timóteo:
a) "O firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem"; b) "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor".

Não há possibilidade de engano. O Senhor conhece os que são seus e por isso os selou com o seu Espírito: "tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da Promessa" e mais: "E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Efés. 1.13; 4.30). A possibilidade de alguém enganar a igreja, ou, de alguém estar enganado na igreja existe. O que não existe é a possibilidade de ludibriar a Deus.

O dever de purificar-se é exigência da Palavra de Deus. Por exemplo: "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Heb. 12. 14). "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como Ele é puro" (I João 3.3). E isso está intimamente relacionado com o bom uso da Palavra de Deus. Nós também **não podemos ser injustos com ela.**

APLICAÇÃO — 1 — É necessário estar advertidos contra as discussões estéreis em torno de um ou outro texto da Escritura, em torno de uma ou outra doutrina.

2 — É imprescindível evitar os falatórios que conduzem a impiedade ainda maior.

3 — Enquanto a fé professada por alguns desfalece, a de outros se fortalece sobre o firme fundamento de Deus. Entretanto este fato não acontece por acaso. O fortalecimento da nossa fé depende, em grande parte, do estudo cuidadoso da Palavra de Deus. E é através da Escola Dominical que a Igreja oferece a melhor e mais adequada oportunidade para esse estudo. É na abençoada Escola Dominical que se separam os grupos, tanto por níveis de idade, quanto por outros critérios, o que facilita o aprendizado da Bíblia. Por outro lado, a divisão em grupos pequenos possibilita a participação de todos e a formulação de perguntas de sorte que as dúvidas podem ser resolvidas na hora. Prestigiemos sempre a Escola Dominical e participemos dela com todo o nosso amor.

VOCABULÁRIO

ingenuidade — sentimento próprio das crianças; **lavrar** — trabalhar.

— A verdade não tem muitas faces. Ela é completa. — Krishnamurti

CARÁTER STERLING — Há uns setecentos anos, no Norte da Alemanha, havia uma companhia mercantil com o nome de "Easterling". Era uma empresa tão correta em todos os seus negócios que o ouro e a prata tornaram-se o seu padrão, devido ao valor intrínseco desses metais. o nome "Easterling", com o tempo abreviado para "Sterling", ainda hoje significa prata pura, sem mistura. Essa fama de honestidade tem sido maravilhosa, pois constitui uma grande honra ter o nome usado durante séculos, como símbolo de caráter sem dolo, de personalidade pura. Assim, o que "Sterling" é para a prata, o nome **Cristão** deve ser para o caráter. — Duzentas Ilustrações (II)

Lição 13 — 23 de setembro

CRISTO É TUDO EM TODOS

Texto básico: Col. 3.5-11.

Texto central: "Não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos" — Col. 3.11.

Leitura Diária

Set. 17 — Seg. — Cristo crucificado — I Cor. 2.1-5
" 18 — Ter. — Os litígios indesejáveis — I Cor. 6.1-11
" 19 — Quar. — Unidade da fé — Ef. 4.1-6
" 20 — Quin. — Uma só confissão — Filip. 1.5-11
" 21 — Sex. — O importante é Cristo — Filip. 1.15-21
" 22 — Sáb. — A súplica do Senhor — João 17.20-26
" 23 — Dom. — Cristo é tudo em todos — Col. 3.5-11

Leitura devocional: Sal. 45.

INTRODUÇÃO — Fora de Cristo não há salvação. Porque é Ele que salva, também Ele é que deve ser a solução de todas as outras questões que surjam na sua Igreja. Quanto a determinar quais grupos, dentro da Cristandade, se caracterizam como a verdadeira Igreja de Jesus Cristo também não deve ser nossa preocupação. Na lição anterior encontramos a afirmação de Paulo a Ti-

móteo: "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (II Tim. 2.19). Na parábola do joio Jesus ensinou que há trigo e joio, dentro do Reino dos Céus. É tentação nossa tentar saber quem é trigo e quem é joio. O Mestre nos tira o direito, entretanto, de separar um do outro. Noutras palavras, é preferível admitir que o trigo possa coexistir pacificamente com o joio, do que tentar erradicá-lo e destruir trigo genuíno. Não é agora que se faz a separação. É no "fim do mundo". Na explicação da parábola, Jesus iria dizer: "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do Reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos" (Mat. 13.24-30,36-39). Deve ser nosso esforço maior cumprir o propósito de Deus "de fazer convergir nele" todas as coisas. Como diz Paulo: "Desvenda-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, **de fazer convergir nele,** na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" (Efés. 1.9-10). Cristo é o ponto de convergência e aglutinação da Igreja. E o nosso empenho é fazer valer esta convicção. Vejamos o texto básico e as lições que podemos extrair dele.

EXPOSIÇÃO — I — O Novo Testamento não hesita em arremeter, com certa violência, contra todas as coisas, em nossa vida, que são contra Deus. Há uma repetida exigência para que essas coisas sejam eliminadas. Também se nota nos escritos de Paulo que, depois dos cuidados teológicos, ele se ocupa sempre da parte ética, da vida prática dos cristãos. A carta aos colossenses não foge a essa regra. E é no trecho que estudamos, que Paulo, efetivamente começa a tratar disso, em sua estupenda carta.

II — "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena" (v.5). O apóstolo não está ensinando nada de disciplina ascética. O que está dizendo é: "faça morrer cada parte do seu ser e de sua personalidade que é contra Deus." Ele usa a mesma linha de pensamento em Rom. 8.13: "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis". Não seria isso o mesmo que Jesus ensina em Mateus 5.29,30? Vejamos: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o

teu corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno". Mas convém notar que há dois grandes segredos no ensino de Paulo: o primeiro está indicado na expressão "em Cristo", que o apóstolo usa freqüentemente; o segundo segredo está na citação que fizemos de Rom. 8.13 a expressão "pelo Espírito". Já afirmamos que o que está ensinado aqui não é disciplina ascética. A preocupação é com a vida cristã integral, que deve ser um dos grandes alvos a atingir, enquanto peregrinamos aqui. A garantia de sucesso é que nós estamos "em Cristo" e somos inpulsionados "pelo Espírito". Porque o "Espírito ajuda as nossas fraquezas". Verifiquemos exatamente as palavras do apóstolo: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza" (Rom. 8.26). Não há por que temer essa luta, do espírito contra a carne. Não estamos sozinhos. E se fracassarmos, a culpa estará totalmente do nosso lado. Mas que é luta, e duríssima, não há dúvida. A linguagem de Paulo é severa: "Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (I Cor. 9.27). Sem esta disposição de lutar, não há vitória possível.

III — "Por estas coisas é que vem a ira de Deus" (v.6). No versículo seguinte, o de número 7, Paulo acrescenta: "Ora, nessas mesmas coisas, andastes vós também, outro tempo, quando vivíeis nelas". Quais são essas coisas? É uma lista respeitável: "prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno, e a avareza, que é idolatria". Tudo isto é característico da vida sem Cristo. Mas meditemos na gravidade da sentença inicial do versículo 6. Que significará a vinda da ira de Deus? — Vidas espirituais que definham? Crentes frios, sem entusiasmo, desanimados? Ou serão desastres, catástrofes, tragédias? Serão dissensões, divisões, cismas? Será doença? — A forma do castigo é o que menos importa no caso. Fica a certeza que Deus mesmo dá, quando diz: "Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por Ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo o filho a quem recebe" (Heb. 12.5-6). Há uma gravíssima repreensão do Senhor Jesus a uma das sete igrejas da Ásia, no Apocalipse: "Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a

prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras" (Apoc. 2.21-23). "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Heb. 10.31).

IV — Velho e novo homem, é o assunto dos vs. 9 e 10. Cremos que nenhum passo das Escrituras descreve melhor a luta dessas duas forças antagônicas dentro de nós, que o capítulo 7 da carta aos Romanos, principalmente entre os versículos 14 e 25. Vale a pena examinar com cuidado esta passagem, na própria Bíblia.

V — Finalmente, um dos mais formidáveis aspectos do Evangelho e da experiência da Igreja de Jesus Cristo: o maravilhoso milagre do Senhor, que, na experiência da redenção, extingue, por completo, as diferenças porventura existentes entre os homens. Diferenças raciais, sociais, culturais, econômicas e, até, diferenças físicas, são eliminadas "em Cristo". É trágico, apenas, que, enquanto seja assim do lado de Cristo, do lado de cá, isto é, do lado humano, estejamos à cata de doutrinas, liturgias e costumes divergentes, por menos significantes que sejam, para estabelecer diferenças que separam. Há uma intérmina "caçada de bruxas" na Igreja, enquanto o que nos devia preocupar é a procura incansável da convergência de tudo aquilo que nos aproxima e nos une em Cristo. Paulo faz uma exortação que nos parece utópica: "Sede unânimes entre vós" (Rom 12.16). Cremos, entretanto, que já existe uma unanimidade em Cristo, que precisa, somente, de ser realizada nas relações entre os cristãos. Nesse dia veremos que Jesus Cristo será, de fato: "Tudo e em todos".

APLICAÇÃO — 1 — A pedra de toque de nossa fé é sempre Jesus Cristo e não esta ou aquela igreja, esta ou aquela denominação.

2 — É Cristo que tem o direito de caracterizar os seus verdadeiros seguidores, pois só Ele os conhece, como nós não podemos conhecer.

3 — É somente em Cristo que todos os cristãos encontrarão um denominador comum, capaz de permitir que se aglutinem e se harmonizem valores aparentemente diversos e divergentes.

VOCABULÁRIO

aglutinação — ato de juntar; **ascético** — relativo à privação de prazeres materiais com o objetivo de aprimorar o espírito; **cisma** — separação radical entre dois grupos religiosos; **antagônico** — inimigo; **intérmino** — sem fim; **utópico** — irrealizável.

— É diante do Cristo crucificado que toda verdadeira teologia e todo verdadeiro conhecimento de Deus desabrochará. — Lutero.

SERÁ POSSÍVEL? — Conta-se que um caixeiro-viajante passou a noite em uma pequena cidade. Ouvindo o repique de sinos de uma igreja próximo do hotel em que estava hospedado, perguntou ao gerente em que templo seria realizado o serviço religioso. — Bem, respondeu o gerente: os sinos que estão tocando pertencem à Igreja Batista, chamando os fiéis para uma reunião de avivamento, promovida pelos metodistas. O pregador será um afamado reavivalista presbiteriano. — P. Holdcraft.

UNIDOS EM CRISTO — Um hindu e um neozelandês encontraram-se a bordo de um pequeno navio missionário. Ambos haviam sido convertidos do paganismo. Eram irmãos em Cristo, mas não podiam trocar idéias, porque nenhum deles conhecia o idioma do outro. Então levantaram as suas Bíblias e trocaram um aperto de mãos. Súbito, uma lembrança feliz acorreu à mente do hindu, que, com a voz cheia de gozo, exclamou: "Aleluia!" O outro retrucou, imediatamente: — "Amém!" — Haviam, enfim, podido comunicar-se, usando a linguagem celestial. — Alfredo Lerín.

O DESAFIO DA SEARA

Texto básico: Mat. 9.35-38.

Texto central: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" — Mat. 9.38.

Leitura Diária

Set. 24 — Seg. — Os que anunciam as Boas Novas — Rom. 10.9-15
" 25 — Ter. — A autoridade do pregador — Luc. 10.1-12
" 26 — Quar. — A alegria dos discípulos — Luc. 10.17-20
" 27 — Quin. — O vaso escolhido de Deus — At. 9.10-19
" 28 — Sex. — Despenseiros dos mistérios de Deus — I Cor. 4.1-5
" 29 — Sáb. — Os que pregam, vivam do Evangelho — I Cor. 9.1-14
" 30 — Dom. — Qualificações dos Ministros — Tito 1.5-9

Leitura devocional: Joel 3.9-14.

INTRODUÇÃO — Ao realizar a obra da redenção por meio de Jesus Cristo, Deus dispôs, também, os meios, mediante os quais os pecadores seriam alcançados pelos efeitos daquela obra. O meio mais eficiente, indicado pela própria Escritura, é a pregação da Palavra. Dão prova disso afirmações como: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação" (I Cor. 1.21). O mesmo apóstolo afirma que a fé chegará ao coração dos homens se eles "ouvirem". "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo" (Rom. 10.17). Compete à Igreja de Jesus Cristo realizar uma extensa obra de evangelização. Diante dela está a Seara, imensa e desafiadora. Jesus, ao falar sobre a semeadura, diz que "o campo é o mundo" (Mat. 13.38). O Mestre afirma, ainda mais, que o Evangelho tem de ser levado ao mundo inteiro: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim" (Mat. 24. 14). Temos de levar em conta, por outro lado, a terrível situação de um mundo iníquo. Reconhecemos a espantosa situação moral da sociedade em que vivemos. Mas não basta censurar o pecador ou lamentá-lo. O reconhecimento da corrupção dos homens é antigo: "para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo" (Filip. 2.15). É preciso mais do que reconhecer isto. A própria situação de pecado, em que vivem os homens, é um desafio à Igreja. Assim, diante de nós, está uma grande extensão de terras a alcançar, milhões de pecadores a arrancar da perdição pela "loucura da pregação". É o desafio da Seara, presente nas palavras de Jesus, que vamos examinar.

EXPOSIÇÃO — I — Jesus era incansável. Realizou um curto ministério de 3 anos, compensado por uma intensa atividade. Lendo os evangelhos, nós o encontramos sempre em movimento, de Norte a Sul da Palestina, às vezes ultrapassando os seus limites geográficos. Sua atividade era tal que o Mestre por vezes se deitava extenuado e dormia num frágil barco, sacudido pela tempestade (Mat. 8.23-27). Ou então sentava-se à beira de um poço e, singelamente, pedia de beber a uma estrangeira (João 4.6-7). No v.35 do nosso texto básico, que estamos examinando, há outro testemunho desta intensa atividade de Jesus. Ele percorria todas as cidades e povoados, ensinando, pregando e curando. Ao se despedir dos discípulos, para subir aos céus, o Mestre marcou-lhes dimensões maiores para o seu campo de trabalho. Ele disse: "Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até os confins da terra" (At. 1.8). "Até os confins da terra", eis a extensão geográfica da Seara, a desafiar os cristãos. Apesar do espantoso desenvolvimento dos meios de comunicação (imensos aviões que transportam centenas de passageiros, em cada viagem, de um a outro continente em apenas algumas horas, mensagens instantâneas, enviadas via satélites; viagens espaciais; televisão; telefone internacional, etc), o fato é que o mundo continua a ser — e mais do que nunca — um vasto campo missionário. Embora

abundantes e eficientes, os meios de comunicação são igualmente caros. Tais meios exigiriam a movimentação de imensos recursos financeiros dos quais a Igreja geralmente não dispõe.

II — "Vendo Ele as multidões, compadeceu-se delas" (v.36). As multidões hoje são ainda maiores, o mundo cresceu. Maior é o desafio da Seara. Hoje, a grande diversidade de culturas, tradições, línguas, costumes, etc. permanece como um constante desafio ao heroísmo dos cristãos. É verdade que, em termos de Brasil, essas diferenças não chegam a constituir obstáculos — ao menos no presente — embora haja peculiaridades próprias de cada região. Num sentido a mensagem do Evangelho é a mesma, tanto para o homem do campo, quanto para o da cidade. Num sentido estratégico, porém, é preciso levar em conta os fatores que influem na formação das diferentes características de cada povo ou cada região a evangelizar. No Brasil de hoje há fatos sociais determinando o rápido progresso do país. Há o deslocamento de contingentes populacionais, formando novas "multidões", "aflitas e exaustas" que constituem a "Seara" a ser trabalhada. Nos grandes centros, por exemplo, surgem, quase que da noite para o dia, imensos núcleos residenciais. Ali, milhares de famílias se reúnem, vindas dos mais diversos recantos do país. São novas "multidões, aflitas e exaustas", que abrem, para a Igreja, uma oportunidade formidável de realizar um trabalho dinâmico de evangelização.

III — "A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (vs. 37 e 38). Jesus coloca-nos diante do problema da vocação e ensina que devemos orar para que Deus vocacione obreiros para a sua Seara. Do modo como a própria Igreja tem encarado o problema, ele é muito complexo. Deus chama os homens mas a Igreja é que os prepara e lhes dá as condições e os meios para que eles possam realizar a obra. No passado, Deus chamava homens para o ministério profético e eles se punham a campo, num ambiente hostil. Padeciam necessidades mas Deus os sustentava, de modo direto e portentoso. Foi o caso de Elias, por exemplo, num dos mais curiosos casos da Escritura Sagrada: "Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem" (I Reis 17.4). Deus os sustentava diretamente. Não havia igrejas nem concílios. Hoje não é assim. A provisão dos meios fica sob a responsabilidade da Igreja. A oração pelo vocacionamento de obreiros tem de ser acompanhada da disposição de sustentar as mãos que trabalham. É como naquele episódio da luta de Israel contra os amalequitas, em que as mãos de Moisés tiveram de ser sustentadas para que o povo de Deus pudesse continuar lutando e vencer a batalha. Homens como Arão e Hur têm de existir em quantidade na Igreja de Jesus Cristo (Êx. 17.11-12). A vida cristã não é meramente contemplativa. Não se concebe a vida espiritual em que homens e mulheres vivam enclausurados em suas próprias casas, em suas próprias igrejas ou em mosteiros. Igreja cristã é Igreja que sai a campo, que luta, que trabalha e que ora. Há muito tempo corre em nosso meio uma frase de origem desconhecida: "orar sem agir é zombar de Deus; mas agir sem orar é temeridade". O êxito de nosso trabalho depende, em grande parte, do equilíbrio entre estas duas experiências: oração e ação.

APLICAÇÃO — Se orarmos a Deus pedindo trabalhadores para a sua Seara, temos a obrigação de levar em conta, pelo menos, os seguintes fatores:

a) **Preparação** — Não se pode confiar e esperar tudo de "dons naturais" — facilidade para falar em público, simpatias pessoais e coisas semelhantes. Quem se dispõe a servir a Deus tem o dever de preparar-se adequadamente. E este é um dever com duplo aspecto: o empenho pessoal daquele que se sente vocacionado e o da Igreja, que reconhece a sua vocação. Instituições à altura das reais necessidades da Igreja são imprescindíveis.

b) **Provisão** — A qualidade do ministério está intimamente relacionada com este fator. Se as igrejas não estiverem conscientizadas de suas responsabilidades, não poderão contar com total capacidade de trabalho de seus ministros.

c) **Consagração** — De parte da igreja, que envia e, sobretudo, da parte daquele que é enviado. É claro que não há uma relação de causa e efeito entre proventos e qualidade do trabalho do obreiro. O que há é uma justa distribuição de responsabilidades. A parte que cabe à Igreja é consagração no sustentar as mãos que trabalham. Do outro lado, espera-se uma dedicação por inteiro, de sorte que o obreiro se dê "em sacrifício vivo", em favor das multidões "aflitas e exaustas", tudo para a glória do Senhor.

VOCABULÁRIO

singelamente — simplesmente; **diversidade** — variedade; **remoto** — longínquo; **peculiaridade** — característica; **contingente** — agrupamento; **enclausurado** — aprisionado; **mosteiro** — convento; **imprescindível** — que não pode ser dispensado.

— O bem que se faz aos homens é passageiro; as verdades que lhes deixamos são eternas. — Cuvier.

SEMEADOR DA PALAVRA — A missão de Cristo foi a de um semeador e esta é a tarefa de cada discípulo seu, no mundo. Nosso encargo é evangelizar a tempo e fora de tempo, não importa a condição do terreno. No Brasil, há missionários que estão espalhando a semente utilizando aviões. O esforço de levar a Bíblia às vastas extensões territoriais de nossa pátria, por diferentes grupos evangélicos, é digno de encômios. Realmente, é privilégio que cabe a cada um de nós, o de ser semeador da Palavra. — Sátilas A. Camargo.

O EVANGELHO DE JESUS — Temos de ir onde o povo está. Se o Senhor Jesus tivesse ficado em pé na porta do céu convidando um mundo perdido, o mundo teria atendido? Em absoluto! Jesus desceu: em meio às tristezas, aos pecados e aos sofrimentos terrenos, convidou os homens a subir para uma morada melhor! — Dr. T. DeWitt Talmage.

Para que cada Escola se valha dos preços especiais acima referidos, é indispensável que coopere conosco — não financeiramente, porquanto cada Revista do Professor nos custa mais do que a sua assinatura — mas no terreno pedagógico. Cada Escola corresponderá ao nosso esforço assinando a Revista do Professor (I ou II), para cada um dos professores, e uma revista para cada aluno, o que lhe dará direito aos preços especiais constantes das mesmas, com grande economia financeira.

Sua Escola já faz jus a esses preços especiais?